

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO (UFRRJ)

DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

MATHEUS SVÓBODA CARUZO

**PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DA ESCALA DE ESTILOS
DE AMOR (EEA) E DA ESCALA TRIANGULAR DO AMOR
REDUZIDA (ETAS-R) PARA RELACIONAMENTOS
HOMOAFETIVOS**

**Seropédica
2021**



UFRRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

MATHEUS SVÓBODA CARUZO

**PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DA ESCALA DE ESTILOS
DE AMOR (EEA) E DA ESCALA TRIANGULAR DO AMOR
REDUZIDA (ETAS-R) PARA RELACIONAMENTOS
HOMOAFETIVOS**

Dissertação apresentada à banca examinadora como parte dos requisitos necessários ao Mestrado em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Emmy Uehara Pires

**Seropédica
2021**



UFRRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO (UFRRJ)
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

MATHEUS SVÓBODA CARUZO

Dissertação de mestrado apresentada como parte dos requisitos necessários ao Mestrado em Psicologia.

APROVADO EM: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Emmy Uehara Pires
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

Prof. Dr. Wanderson Souza
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ

Prof. Dr. José Augusto Evangelho Hernandez
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C257p Caruzo, Matheus Svóboda, 1995-
PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DA ESCALA DE ESTILOS
DEAMOR (EEA) E DA ESCALA TRIANGULAR DO AMOR
REDUZIDA (ETAS-R) PARA RELACIONAMENTOS
HOMOAFETIVOS / Matheus
Svóboda Caruzo. - Seropédica, 2021.
94 f.: il.
Orientador: Emmy Uehara Pires.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Ruraldo Rio de Janeiro,
PPGPSI, 2021.
1. Amor. 2. Homossexualidade. 3. Relacionamentos Homoafetivos.
4. Psicometria. I. Pires, Emmy Uehara ,
---, orient. II Universidade Federal Rural do Rio deJaneiro. PPGPSI III.
Título.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código
de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

Resumo

Das tragédias gregas à contemporaneidade, o amor e os relacionamentos íntimos desempenham um importante papel na existência humana. Estudos científicos sobre o amor começaram a ganhar destaque a partir do século XX, sobretudo na psicologia moderna. Entretanto, a nível nacional e internacional, ainda hoje tais estudos não são representativos de casais homoafetivos. Neste sentido, esta dissertação tem o objetivo de investigar aspectos do amor e dos relacionamentos homoafetivos em uma amostra de 1.380 homens e mulheres brasileiros(as). Para tanto, dois estudos independentes foram realizados. O primeiro estudo fundamentou-se na Teoria das Cores do Amor do psicólogo canadense John Alan Lee e teve o objetivo de apresentar propriedades psicométricas da Escala de Estilos de Amor (EEA). O segundo pautou-se na Teoria Triangular do Amor, do psicólogo norte americano Robert Sternberg e objetivou apresentar evidências psicométricas da Escala Triangular do Amor Reduzida (ETAS-R). Foram realizadas Análises Fatoriais Exploratórias (AFE), Confirmatórias (AFC) e Multigrupo (AFCMC), Escalonamento Multidimensional (EMD), Análise Multivariada de Variância (MANOVA) e cálculos de confiabilidade composta e consistência interna. Os resultados indicam que os instrumentos apresentados possuem boas propriedades psicométricas. A partir das medidas adaptadas na população alvo deste estudo, constatou-se que os relacionamentos homoafetivos são experienciados a partir de uma variedade de possibilidades de estilo de amar (estudo 1) e estruturas de relacionamento (estudo 2), corroborando ao fato de os relacionamentos íntimos se estruturarem de maneiras semelhantes independente da orientação sexual. Além disso, este estudo contribui com o debate sobre a construção sociocultural dos relacionamentos, indicando que um contexto de estigmatização e repressão da sexualidade pode submeter tais indivíduos a sentimentos ambivalentes e confusos quanto a como, quanto e por que amam.

Palavras-chave: Amor; Homossexualidade; Relacionamentos homoafetivos; Psicometria.

Abstract

From Greek tragedies to contemporaneity, love and intimate relationships play an important role in human existence. Scientific studies on love set to gain prominence from the twentieth century, particularly in modern psychology. However, at national and international level, even today such studies are not representative of same-sex couples. In this sense, this dissertation aims to investigate the aspects of same-sex love relationships in a sample of 1,380 Brazilian men and women. To this end, two independent studies were carried out. The first study based on the Theory of Colors of Love by Canadian psychologist John Alan Lee and aimed to present psychometric properties of the Love Attitude Scale (LAS). The second was based on the Triangular Theory of Love, by the North American psychologist Robert Sternberg and aimed to present psychometric evidence of the Reduced Triangular Scale of Love (STLS-R). Exploratory (EFA), Confirmatory (CFA) and Multigroup (MCFA) Factorial Analyzes, Multidimensional Scaling (MDS), Multivariate Analysis of Variance (MANOVA) and internal consistency calculations were performed. The results indicate that the instruments have good psychometric properties. From the measures adapted in the target population of this study, it was found that homoaffective relationships are experienced from a variety of possibilities of style of love (study 1) and relationship structures (study 2), corroborating the fact that the intimates relations are structured on similarities bases, independent of sexual orientation. Furthermore, this study contributes to the debate on the sociocultural construction of the determined love style, indicating that a context of stigmatization and repression of sexuality can subject such people to ambivalent and confused feelings about how, how much and why they love.

Keywords: Love; Homosexuality; Homoaffective relationships; Psychometrics.

Sumário

Prólogo	9
1. Introdução	10
2. Justificativa	14
3. Objetivos	17
3.1. Estudo 1	17
3.1.1. Objetivo Geral	17
3.1.2. Objetivos específicos	17
3.2. Estudo 2	17
3.2.1. Objetivo Geral	17
3.2.2. Objetivos específicos	17
4. Estudo 1: As cores do amor: propriedades psicométricas da Escala de Estilos de Amor para brasileiros(as) homossexuais	18
Introdução	18
Método	23
<i>Participantes</i>	23
<i>Instrumentos</i>	23
<i>Procedimentos e processos éticos</i>	24
<i>Análise de dados</i>	24
Resultados	25
<i>Análise Fatorial Exploratória e confiabilidade composta</i>	26
<i>Escalonamento Multidimensional</i>	29
<i>Análise Fatorial Confirmatória e consistência interna</i>	28
<i>Estilos de amor e outros constructos</i>	31
Discussão	32
<i>Estrutura fatorial, consistência e invariância da medida</i>	32
<i>Circumplexidade</i>	33
<i>Relacionamentos homoafetivos</i>	35
<i>Limitações</i>	37
Considerações finais	38
Referências bibliográficas	39
5. Estudo 2: Evidências psicométricas da Escala Triangular do Amor Reduzida (ETAS-R) para homossexuais brasileiros(as)	45

Introdução	45
<i>A Teoria Triangular do Amor</i>	46
<i>Relacionamentos homoafetivos</i>	48
Método	50
<i>Participantes</i>	50
<i>Instrumentos</i>	50
<i>Procedimentos e processos éticos</i>	51
<i>Análise de dados</i>	51
Resultados	52
Discussão	56
<i>Estrutura fatorial e confiabilidade</i>	56
<i>Os componentes do amor nas relações homoafetivas</i>	58
<i>Limitações</i>	59
Considerações finais	60
Referências bibliográficas	61
6. Considerações finais	68
7. Referências bibliográficas	70
Apêndice	75
1. <i>Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)</i>	75
2. <i>Formulário da pesquisa</i>	78
Anexos	89
1. <i>Escala Triangular do Amor de Sternberg</i>	89
2. <i>Escala de Estilos do Amor</i>	91

Prólogo

A datar da retórica fenícia, da primeira civilização,
da Grécia Antiga contextualizada n'O Banquete de Platão,
o amor e os relacionamentos amorosos são protagonistas na narrativa da evolução.

Ao amor foi atribuída a intensidade máxima do bem e da felicidade,
tornando-o aspecto fundamental, de força, paixão, cumplicidade.

Ama-se com a devoção de freiras,
com a precisão de atiradores
com a subserviência de fardas.

Ama-se com som e fúria,
com sorriso e com lamúria.

Ama-se tão profundamente quanto o que se espera de bom da vida,
como se estivéssemos fadados a amar.

Em fortuita consonância com o Mito de Andrógino,
Clarice Lispector descreveu que o amor é fatal;
tão inerente quanto à própria carência¹.

No mesmo ensejo,
Carlos Drummond de Andrade se coloca a perguntar:
“Que pode uma criatura senão, entre criaturas, amar?”².

¹ Lispector, C. (1998). *A Paixão Segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco.

² Andrade, C. D. D. (1991). *Claro Enigma.* Rio de Janeiro: Record.

1. Introdução

Embora seja uma temática historicamente discutida pela arte e filosofia e tão bem descrita em prosa e poesia, como as de Lispector e Drummond, a ciência gradativamente fincou sua bandeira na compreensão do amor e dos relacionamentos íntimos. Neste caso, concisamente, pode-se definir o amor como um sistema complexo que engloba emoções, pensamentos, cognições e comportamentos (Sternberg, 1986; Lee, 1973; Hatfield & Sprecher, 1986), sendo uma atitude que determina o *modus operandi* do indivíduo em uma relação (Rubin, 1970). Na psicologia social, a partir da década de 1960, começa a ser delineada a chamada psicologia do amor (Fehr, 2013; Hatfield, Bensman, & Rapson, 2012; Hernandez, Plácido, Araújo, & Neves, 2017). Nessa época, tais estudos partiam do campo teórico da atração interpessoal, que ainda hoje tem reflexos nas acepções sobre a temática, e trataram de aspectos como a gênese, a manutenção e o término das relações amorosas (Schlösser & Camargo, 2014).

Fehr (2013), Hatfield, Bensman e Rapmson (2012), Martins-Silva, Trindade e Silva Junior (2013) e outros estudos revisaram as pesquisas do amor no campo da psicologia social, realçando a produção de Zick Rubin (1970), primeiro teórico a abordar o constructo nessa área, que destacou a diferença entre o amar e o gostar. Rubin discorreu sobre o amor como uma atitude relacionada a outra pessoa, que predispõe o pensar, o sentir e o agir. Para Rubin (1970), o amor envolve atração física e sentimentos de exclusividade e integração, já o gostar refere-se às relações interpessoais rotineiras, que envolvem confiança e respeito.

Entre outros, na psicologia do amor, destacam-se os estudos de Walster e Walster (1978) e Hatfield e Walster (1983), de Clark e Mills (1979) e de Ellen Berscheid (1969). Também merecem destaque os estudos do apego de John Bowlby (1984), que salientaram o comportamento de apego de bebês e crianças pelo seu cuidador, geralmente a figura da mãe. Posteriormente, Hazan e Shaver (1987) e Shaver, Hazan e Bradshaw (1988) adaptaram e expandiram a Teoria do Apego de Bowlby, de maneira a correlacionar os padrões de apego da infância com o comportamento adulto. Partindo da proposição do próprio Bowlby quanto à expansão de sua teoria à vida adulta, os autores seguiram o modelo de Mary Ainsworth (1978) (apego seguro, apego ansioso/ambivalente e apego evitativo) e investigaram como o amor e os relacionamentos amorosos adultos são modulados pelos modelos internos de funcionamento que foram apreendidos na primeira infância a partir da relação com o cuidador. Hoje, os estudos do apego adulto estão em constante progresso.

Atualmente, dois sistemas teóricos sobre o amor são os mais influentes e pesquisados, a saber: a Teoria Triangular do Amor de Robert Sternberg (1986, 1988) e a Teoria Tipológica do Amor, ou Teoria das Cores do Amor, de John Alan Lee (1973), que fornecem bases científicas para a teoria e a prática dos estudos do amor e dos relacionamentos amorosos. Robert Sternberg é um renomado teórico da psicologia que, dentre suas diversas temáticas teóricas, propôs a Teoria Triangular do Amor (1986) – a teoria do amor mais testada na literatura científica (Graham & Christiansen, 2009). Utilizando referências clássicas da psicometria, o autor propôs um constructo teórico (1986) e uma escala de mensuração para do mesmo (1997). Neste caso, o Amor Pleno seria o conjunto de três elementos/fatores, representados pelos vértices de um triângulo, a saber: Decisão/Compromisso, Intimidade e Paixão. Tanto isoladamente quanto em dupla ou trio, os fatores constituem diferentes estruturas de relacionamento amoroso, sendo mais estáveis os relacionamentos com pelo menos dois vértices bem estabelecidos (Sternberg, 1988).

John Alan Lee foi um psicólogo e sociológico canadense, além de ativista do movimento gay do Canadá e de outras causas sociais. A sua proposta com a Teoria das Cores do Amor (Lee, 1973, 1977) era fornecer uma taxionomia que abarcasse as formas, ou estilos, de amar nos relacionamentos amorosos: uma tipologia dos relacionamentos amorosos, não necessariamente dos amantes (Lee, 1976). Utilizando um disco cromático como base para a tipologia, Lee propôs a existência de três estilos de amar primários, representados pelas cores primárias (Eros – vermelho; Ludus – azul; Storge – amarelo), e três estilos secundários, representados pelas cores secundárias (Ágape – laranja; Pragma – verde; Mania – roxo). A primeira medida psicométrica da teoria de Lee foi proposta por Hendrick e Hendrick (1986), que posteriormente também adaptaram uma versão reduzida da escala (1998).

Em diversas das teorias supracitadas, se discute que as noções de amor e relacionamento nem sempre estiveram entrelaçadas em um corpo simbiótico, como atualmente se entende no senso comum – isto é, para se consumir o relacionamento, é necessário primeiramente o amor. Lee, por exemplo, ao discutir o aspecto social do amor (1976, 1977), sugere que as relações amorosas emergem de um contexto sócio-histórico que determina o tipo de relacionamento, o significado de amar e a forma de se relacionar ao perpassar as esferas afetivas e sexuais dos sujeitos.

Em uma perspectiva histórica, o médico e psicanalista Jurandir Freire Costa (1998) discute que é no seio da vida privada burguesa e com o movimento de industrialização do mundo que o amor romântico, como hoje o conhecemos, se impõe sobre as relações

amorosas. Com Romeu e Julieta e Tristão e Isolda, as bases do que é o amor e de como se deve amar foram paulatinamente estruturadas no imaginário social de acordo com os preceitos socioculturais deflagradores do indivíduo moderno (Costa, 1998).

De maneira similar, Ferreira e Fioroni (2009) também destacaram o caráter sócio-histórico que constitui as relações a partir de normas, modos de pensar e de agir. Ao se relacionar, o sujeito levará todo o material histórico-cultural sob o qual foi moldado para a relação, assim como o outro sujeito da relação o fará, de forma que a relação entre o casal será deflagrada pela construção social implícita nos encontros e desencontros. Portanto, para esses autores, as relações amorosas são artefatos produzidos pela cultura, que determina os acordos e as especificidades de cada relação. Desse modo, a ideia de parceiro ideal, os valores esperados em uma relação e a própria dinâmica da relação serão perpassados constantemente pelo contexto histórico e pela cultura em que os sujeitos estão inseridos. Além disso, as diferenças entre os sexos e os gêneros, biologicamente e socialmente construídas, e a orientação sexual darão as bases para o amar e a dinâmica afetiva dos sujeitos se estruturarem.

Em terras tupiniquins, Hernandez, Plácido, Araújo e Neves (2017) revisaram vinte anos de estudos científicos sobre o amor no Brasil. Dentre outras pesquisas revisadas, Féres-Carneiro (1997) investigou o processo de escolha amorosa em homens e mulheres heterossexuais e homossexuais em diversos status de relacionamento, indicando diferenças na escolha amorosa entre homens e mulheres e semelhanças entre heterossexuais e homossexuais. Hernandez e Oliveira (2003) deram foco para os componentes do amor e a satisfação conjugal, apontando que o componente que melhor prediz a satisfação é a intimidade comunicativa. Estudando a mudança dos relacionamentos através das décadas a partir da análise de cartas de amor, Carpenedo e Kooler (2004) sugeriram que o ambiente sociocultural provoca mudanças nas dinâmicas de casal. Os resultados encontrados apontaram modificações nos relacionamentos entre a década de 40-50 até a atualidade, sobretudo em relação às atitudes e à comunicação entre os componentes do casal.

Quanto aos estudos psicométricos do amor no Brasil, destacam-se as pesquisas de Dos Reis (1995), que construiu e validou uma medida de atitudes frente às relações afetivas estáveis (RAE), medida essa que foi atualizada e expandida por Milfont et al. (2008). De Andrade e Garcia (2009, 2014) e Cassepp-Borges e Ferrer (2019) adaptaram a Escala de Crenças sobre o Amor Romântico, também chamada de Escala de Estilos de Amar (EEA), baseada na teoria de Lee, que foi internacionalmente validada por Hendrick e Hendrick (1986). A Escala Triangular do Amor (ETAS), construída sob os preceitos de Sternberg

(1997), foi adaptada no Brasil pela primeira vez por Hernandez (1999) e posteriormente por Cassepp-Borges e Theodoro (2007), Cassepp-Borges & Pasquali (2012) e Hernandez (2016). Ainda, Cassepp-Borges e Theodoro (2007), Gouveia, Fonseca, Cavalcanti, Diniz e Dória (2009), De Andrade, Garcia e Cassepp-Borges (2013), Cassepp-Borges e Pasquali (2014), Hernandez (2016) e Hernandez e Baylão (2020) adaptaram versões reduzidas da ETAS.

Destaca-se que a metanálise de Grahan e Christiansen (2009), o estudo transcultural de Neto (2007), Lee (1976) e outros teóricos (Waller & Shaver, 1994; Beach & Tesser, 1988; Sprecher & Metts, 1999; Carpenedo & Kooler, 2004) indicaram que as formas humanas de amar são configuradas e moduladas pelos processos culturais de socialização, salientando-se a importância de entender o contexto sociocultural como preditor, ou ao menos modulador, do amor e dos relacionamentos amorosos. Neste ensejo, Martins-Silva Trindade e Silva Junior (2013) sugerem que os caminhos futuros para a pesquisa desta temática devem focar na melhor compreensão sobre a interação da cultura na construção das aceções sobre o amor via crenças e valores normatizados.

2. Justificativa

Encontram-se registros de práticas e relacionamentos íntimos entre pessoas do mesmo sexo/gênero desde as sociedades mais antigas em diferentes culturas (Corino, 2006). Ao longo dos séculos, tais arranjos afetivos foram explicados pelos paradigmas morais vigentes em cada período, considerados por muito tempo como pecado, perversão, desvio e/ou crime (Trevisan, 2018). Embora a prevalência de casais homossexuais seja cada vez maior e estudos mostrem que a coesão e a adaptabilidade entre esses casais podem ser até mais alta em comparação a casais heterossexuais (Mosmann, Lomando, & Vagner, 2010), historicamente a homossexualidade foi vista e associada a práticas promíscuas e imorais. Devido a tal estereótipo, ainda hoje no senso comum vigora uma máxima sobre a ausência de relacionamentos estáveis e duradouros entre homossexuais – visão muitas vezes internalizada e performada também por pessoas LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais/Transgênero/Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais e mais) (Trevisan, 2018; Nascimento & Scorsolini-Comin, 2019).

Essencialmente, a homossexualidade se caracteriza de forma complexa e dinâmica, envolvendo uma série de vivências relacionadas à sexualidade e a identidade homossexual (Bento, 2012). Ou seja, abarca desde uma dimensão afetiva e comportamental determinante e determinada pelas relações afetivas e sexuais até uma dimensão social e cognitiva de construção de identidade e subjetividade (Troiden, 1989). Compreende-se a ótica da “orientação”, que busca abarcar os fatores genéticos, biológicos, psicológicos e socioculturais que constituem o gênero e a sexualidade, afastando-se da perspectiva de uma “opção sexual”, remetente à ideia de que tais condições são passíveis de escolha.

A partir dos anos 2000, nota-se um crescente interesse em compreender os fenômenos acarretados pela existência e colocação da homossexualidade e dos casais homoafetivos na sociedade. Dos estudos e discussões levantadas, dois principais eixos podem ser divididos, com seus respectivos afluentes, a saber: a) compreensão da homossexualidade, como categoria de análise e como processo de subjetividade, e b) compreensão da luta por direitos e do impacto dessa inserção na sociedade. Florescem, também,

“discussões acerca de relacionamentos [...] nesses casais, levando em consideração não somente os sentimentos de ambos os cônjuges, mas também as influências da sociedade a partir do modelo tradicional composto pela união de um homem e uma mulher e de uma possível construção familiar que só seria legitimada por este

arranjo conjugal” (Nascimento, Scorsolini-Comin, & Santos, 2015, p. 552).

Ainda assim, o campo de estudos da dinâmica afetiva e dos relacionamentos homoafetivos é escasso, sendo a predominância dos mesmos direcionada à compreensão de arranjos heterossexuais (Graham & Christiansen, 2009). Em geral, os estudos com casais homoafetivos indicam porcentagens elevadas de satisfação conjugal, semelhante a estudos com casais heterossexuais (Lafontaine et al., 2013; Kurdek, 1991; Mosmann, Lomando, & Vagner, 2010). Revisões da literatura internacional (Peplau & Fingerhut, 2007) e nacional (Nascimento, Scorsolini-Comim, & Santos, 2015) indicam que os estudos do tema abordam o casamento, a parentalidade e políticas públicas, assim como discutem aspectos socioculturais envolvidos na construção, manutenção e término de relacionamentos homoafetivos inseridos em determinada cultura. No campo da psicologia do amor (Sternberg, 2006; Hernandez et al., 2017), que busca compreender as relações amorosas por meio de mensurações e análises estatísticas, dentre outras metodologias, são raros os estudos com casais homoafetivos.

Somado à constatação empírica de sua existência, o índice de união estável entre homossexuais é cada vez maior e os mesmos ganham a cada dia mais visibilidade na sociedade (Gates & Newport, 2015; IBGE, 2011). Nada obstante, a violência LGBTfóbica – sobretudo no Brasil, campeão mundial de assassinatos de homossexuais e transsexuais/transgêneros (Brasil, 2018; Carrara & Vianna, 2002) – e “o ranço homofóbico ainda persistem, fomentando a violência e obstruindo os ganhos sociais no que tange ao reconhecimento dos homossexuais como cidadãos plenos de direitos” (Nascimento, Scorsolini-Comim, & Santos 2015, p. 560), inclusive ao direito de amar. Em resposta a isso, no meio acadêmico, torna-se crucial o desenvolvimento de novos estudos. Tais estudos devem ampliar o escopo de investigação da homossexualidade e dos relacionamentos homoafetivos, abrangendo o olhar adotado e a metodologia empregada, de maneira a compreender a homossexualidade não como uma instância categórica e fixa de análise, mas como uma orientação particular de subjetividade, com múltiplas formas de expressão de identidade e de amor.

Isto posto, fundamentando-se na psicologia do amor, sob o método quantitativo, esta dissertação tem o objetivo geral de investigar a estrutura e os estilos de amar nos relacionamentos homoafetivos. Para tanto, a pesquisa foi dividida em dois principais estudos psicométricos. O primeiro estudo se baseia na Teoria das Cores do Amor, de John Alan Lee, e tem o objetivo de apresentar evidências de validade e fidedignidade para a Escala de

Crenças sobre o Amor Romântico. O segundo estudo parte da teoria e da medida da Teoria Triangular do Amor, de Robert Sternberg, objetivando apresentar evidências de validade e fidedignidade para a Escala Triangular do Amor Reduzida, ambos para mesma amostra de 1.380 homens e mulheres homossexuais. Além disso, buscou-se correlacionar a estrutura e os estilos de amar com a vivência sociocultural da homossexualidade e outras variáveis sociodemográficas. Por fim, a discussão geral e as considerações finais arrematam as hipóteses dos estudos 1 e 2, respondendo ao objetivo geral e indicando limitações e possibilidades para o itinerário dos estudos da temática.

3. Objetivos

3.1. Estudo 1

3.1.1. Objetivo Geral

- Apresentar evidências de validade e fidedignidade para a Escala de Estilos de Amor em uma amostra de pessoas homossexuais.

3.1.2. Objetivos específicos

- Analisar as evidências de validade da Escala de Crenças sobre o Amor Romântico a partir de procedimentos Análise Fatorial Exploratória e Confirmatória;
- Investigar a invariância configural, métrica e escalar para região, sexo e estado civil por meio de Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo;
- Utilizar Escalonamento Multidimensional para examinar a localização espacial e a circunplexidade dos estilos de amor;
- Correlacionar aspectos da vivência sociocultural da homossexualidade com os estilos de amor nos relacionamentos.

3.2. Estudo 2

3.2.1. Objetivo Geral

- Apresentar evidências de validade e fidedignidade para a Escala Triangular do Amor Reduzida em uma amostra de pessoas homossexuais.

3.2.2. Objetivos específicos

- Analisar a validade e fidedignidade da matriz de dados através de Análise Fatorial Exploratória;
- Comparar os índices de ajuste entre os modelos unifatorial, trifatorial e unifatorial de segunda ordem por meio de Análise Fatorial Confirmatória;
- Investigar a invariância configural, métrica e escalar para região, sexo e estado civil por meio de Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo;

4. Estudo 1

As cores do amor: propriedades psicométricas da Escala de Estilos de Amor (EEA) para brasileiros(as) homossexuais

Resumo

A Teoria das Cores do Amor do psicólogo e sociólogo canadense John Alan Lee propõe uma taxonomia das atitudes dos indivíduos em relacionamentos amorosos, em que Eros (vermelho), Storge (amarelo) e Ludus (azul) são os estilos de amor primários e dão origem aos estilos secundários, Ágape (laranja), Mania (roxo) e Pragma (verde). Este artigo apresenta evidências psicométricas da Escala dos Estilos de Amor para uma amostra de 1.380 homossexuais adultos brasileiros(as) (966 homens). A medida apresentou boas propriedades psicométricas, com índices de confiabilidade composta variando de 0,74 (Pragma) a 0,93 (Ludus). A análise de distribuição espacial dos fatores indicou uma alteração na complementaridade dos estilos, com uma inversão entre Eros e Ágape em relação ao disco cromático proposto na teoria original. Em geral, esta pesquisa contribui para a generalização de constructos teóricos sobre o amor, tradicionalmente adaptados com amostras de heterossexuais, indicando semelhanças configurais nos relacionamentos amorosos independente da orientação sexual.

Introdução

Desde a antiguidade, a definição de amor é cercada de especulações e debates. Com a efervescência causada pela cientifização da psicologia, teorias sobre o amor e os relacionamentos amorosos começaram a preencher as lacunas de produção científica nesta área a partir da década de 1960. Desde então, diversos estudos tematizando a taxionomia, a gênese, a manutenção e o término das relações amorosas foram propostos (Hatfield, Bensman, & Rapson, 2012; Hernandez et al., 2017; Schlösser & Camargo, 2014). Compreendido como um sentimento multidimensional, estrutural e imprescindível para as relações interpessoais, o amor é um sistema complexo e dinâmico que envolve emoções, pensamentos, cognições e comportamentos, guardando estreita relação com a felicidade (Lee, 1973).

Dentre as propostas de pesquisa no campo da psicologia social, a Teoria das Cores do Amor, do psicólogo e sociólogo canadense John Alan Lee (1973, 1974, 1977), analisa como as pessoas vivenciam o amor nos relacionamentos íntimos. Lee destacava que seu principal objetivo não era definir o amor, mas descrever e distinguir as várias concepções de amar. O autor compreendia os estilos como manifestações sociais empíricas, variantes ou não entre as relações. Ele ressaltava que a tipologia se propunha a explicar o conjunto de

atitudes dos sujeitos em relacionamentos amorosos, ou seja, “a tipologia é sobre os relacionamentos, não sobre os amantes” (Lee, 1976, p. 403, tradução livre).

Na teoria, utiliza-se o conceito de “crença” para indicar que o amor é um sistema cognitivo complexo, responsável por fundamentar ou modelar os estilos sob os quais as pessoas se relacionam amorosamente (Hendrick & Hendrick, 1986). A estrutura taxonômica dos estilos funciona como uma disco cromático, em que as três cores primárias (vermelho, amarelo e azul) dão origem a três cores secundárias (verde, laranja e roxo). Isto é, os estilos primários de amor (*Eros*, *Storge* e *Ludus*) interagem e compõem os estilos secundários (*Ágape*, *Mania* e *Pragma*).

Em relação aos estilos, *Eros* é fortemente demarcado pela paixão e pelo erotismo, guiado por um ideal físico de parceiro(a). Quanto mais erótica é a relação, mais exigente é a imagem idealizada que busca – são pessoas que tem um “tipo” muito bem demarcado (Lee, 1976). É autoconfiante e intenso no amor, mas sem exigências ou controle excessivo. O amor *Storge* (pronúncia *stor-gay*) tem suas bases no companheirismo, sendo a relação amorosa uma extensão dessa profunda amizade, envolvendo intimidade sexual e compromisso. Não se guia por um “tipo”, sim pelo sentimento de companheirismo que vivencia com o(a) parceiro(a). Já aqueles que amam segundo o estilo *Ludus* experenciam os relacionamentos como um jogo. Embora haja muitos “tipos” disponíveis, o sujeito não está pronto para se comprometer e espera que o relacionamento possa se encaixar em sua rotina sem desorganizá-la. Não há ciúmes, nem possessividade, e espera-se o mesmo em troca (Lee, 1977).

Ágape (*Eros* + *Storge*) se constitui como uma maneira altruísta de amar. Lee (1977) discute que é um estilo de amar que provavelmente encontra sua expressão completa na abnegação absoluta no celibato. Nos relacionamentos amorosos, aparece geralmente em um momento mais maduro da vida. *Mania* (*Eros* + *Ludus*) é um amor possessivo e enciumado. Um estilo de amar intenso e incontrolável, caracterizado pela dependência e baixa autoestima. De *Eros*, tem a intensidade e a preocupação genuína com o amante. De *Ludus*, a manipulação e o controle. Por fim, *Pragma* (*Storge* + *Ludus*) combina a companhia de *Storge* com o controle e a manipulação de *Ludus*. O sujeito enxerga o amor como um negócio a ser fechado, e busca pelo melhor contrato, só permitindo a elegibilidade do(a) parceiro(a) após preenchimento de um *checklist* de status social desejado (Lee, 1977; Cassepp-Borges & Ferrer, 2019).

Devido ao sucesso da teoria nos anos 1970 e 80, rapidamente surgiram instrumentos para mensuração psicométrica dos estilos de amor. O instrumento mais utilizado na literatura

internacional é o de Hendrick e Hendrick (1986), haja vista seu caráter de resposta ordinal e propriedades psicométricas mais consistentes, com consistência interna dos fatores variando entre 0,70 e 0,83. Também foram propostas versões reduzidas que obtiveram índices de validade e consistência semelhantes aos da versão completa (Hendrick, Hendrick, & Dicke, 1988; Sprecher et al., 1994; Thompson & Borrello, 1987). A metanálise de Graham e Christiansen (2008) mostrou que os estudos exploratórios e confirmatórios ratificam a estrutura de 6 fatores da escala (Hendrick & Hendrick, 1986), apesar de alguns valores limítrofes (< 0,70) de consistência interna. Igualmente, as adaptações para o português de Neto (1993), Andrade e Garcia (2009, 2014) e Cassepp-Borges e Ferrer (2019) indicaram a plausibilidade da estrutura de 6 fatores, pouca correlação entre os fatores e consistência interna adequada na maioria das subescalas.

Recentemente, Cassepp-Borges e Ferrer (2019) chamaram a atenção para um aspecto fundamental da teoria de Lee. Até então, embora diversos pesquisadores tenham apresentado evidências de validade de constructo para a Escala de Estilos de Amor (EEA), nenhum deles havia testado o caráter circumplexo e o disco cromático, exceto Neto (2002). A circumplexidade é uma estrutura ordenada em que cada elemento tem um elemento complementar, apresentando características opostas em algum aspecto, apesar da originalidade qualitativa de cada um (Hendrick & Hendrick, 1986). Neste sentido, Eros (vermelho) seria complementar de Pragma (verde), Ludus (azul) seria complementar de Ágape (laranja) e Storge (amarelo) seria complementar de Mania (roxo), o que é plausível de acordo com a teoria. Cassepp-Borges e Ferrer (2019) foram os primeiros a utilizarem o Escalonamento Multidimensional para observar a distribuição espacial dos fatores. Os resultados foram próximos da circularidade, mas houve uma inversão na ordem dos fatores entre vermelho (Eros) e laranja (Ágape). Propôs-se uma nova representação gráfica para os estilos, dividindo-os em 2 eixos [Eros x Ludus e Storge (Pragma) x Mania (Ágape)]. Nesta configuração, Ágape seria uma manifestação branda e inferior de Mania, enquanto Pragma seria o mesmo em relação à Storge.

“As cores proibidas do amor”³: relacionamentos homoafetivos

John Alan Lee, além de psicólogo, sociólogo e cientista, foi o primeiro homem a se declarar abertamente homossexual na televisão canadense, bem como militava por essa e

³ “*Forbidden colours of love*” é o título de um artigo de Lee de 1976 que discute os estilos de amor em homossexuais com base em uma extensiva análise de anúncios de jornais, método muito utilizado pelos gays norte-americanos e canadenses na década de 70 e 80 para encontrarem parceiros amorosos.

outras causas (1976, 1977b, 1979, 1987, 1989). Mesmo assim, por muito tempo as pesquisas dos estilos do amor através das escalas contemplaram predominantemente os relacionamentos heterossexuais. São poucos os estudos dos estilos de amor com parcelas significativas de participantes homossexuais (Adler, Hendrick, & Hendrick, 1986; Zamora et al., 2013).

Em definição proposta pelo dicionário virtual da Associação de Psicologia Americana, a homossexualidade é uma orientação sexual caracterizada pela duradoura atração emocional, romântica, sexual ou afetiva por indivíduos do mesmo sexo, propondo-se o uso do termo ‘orientação sexual do mesmo sexo’ (*‘same-sex sexual orientation’*) (<https://dictionary.apa.org/homosexuality>). Entretanto, orientação sexual é um conceito complexo que abarca a dimensão afetiva e a dimensão comportamental da prática sexual, mas também implica uma dimensão social e cognitiva de identidade (Troiden, 1989). Além disso, é importante observar que relações homoafetivas podem acontecer também entre pessoas transgênero (Bento, 2012), o que não seria abarcado pelo conceito de *‘same-sex sexual orientation’*. Por exemplo, um relacionamento homoafetivo entre uma mulher transgênero e uma mulher cisgênero não se enquadra na terminologia proposta.

Nesta pesquisa, utiliza-se ‘homossexual’ para definir uma orientação de sexualidade (gay ou lésbica) e ‘relacionamento homoafetivo’ para referenciar relações amorosas entre pessoas do mesmo gênero, de maneira a expandir o termo para além do sexual e reforçar a proposta terminológica jurídica (Castanho França, 2020). Ainda, destaca-se que não se utilizam os termos sexo e gênero como sinônimos, sendo o primeiro referente ao aspecto biológico (masculino, feminino ou intersexo) e o segundo ao aspecto de identificação social, dividindo-se nos termos guarda-chuva cisgênero (identificação com o gênero que lhe foi atribuído em relação ao sexo) e transgênero (divergência com o gênero atribuído) (Bento, 2012).

Apesar do relacionamento homoafetivo ser historicizado desde as primeiras sociedades humanas (Corino, 2006; Evans-Pritchard, 1970) e estar mais evidente na sociedade contemporânea, há pouco interesse de pesquisa nestes arranjos. Há 10 anos, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística constatou a existência de 60 mil casais homoafetivos no Brasil (IBGE, 2011). Entretanto, esse número é altamente questionável e não há sistema para levantamento dessas informações no país. Em contraste, no ano de 2000, o censo norte-americano apontou 600 mil casais homoafetivos nos Estados Unidos (Gates & Ost, 2004), e em 2015, mais de 1 milhão de casais (Gates & Newport, 2015).

Os resultados das pesquisas científicas envolvendo casais homoafetivos se mostram majoritariamente semelhantes aos estudos com heterossexuais, com altas taxas de satisfação conjugal entre gays e lésbicas (Lafontaine et al., 2013; Kurdek, 1991). Em revisão de estudos norteamericanos, Peplau e Fingerhut (2007) sublinham a importância legal e política de tais pesquisas no itinerário do reconhecimento jurídico das relações homoafetivas. No Brasil, a revisão de Nascimento e colaboradores (2015) demonstra que as pesquisas do tema estão distribuídas em estudos sobre o casamento, a parentalidade, as políticas públicas e os aspectos culturais envolvidos. Na psicologia do amor nacional (Hernandez et al., 2017) e internacional (Sternberg, 2006), são poucos os estudos com casais homoafetivos.

Na Teoria das Cores do Amor, Adler, Hendrick e Hendrick (1986) analisaram os estilos do amor em uma amostra de homens gays e heterossexuais de Nova York e do Texas e não encontraram diferenças estatisticamente significativas em relação à orientação sexual. Zamora e colaboradores (2013) encontraram maiores escores para Mania e Pragma e menores para Eros em homens gays em um relacionamento em comparação aos solteiros. Em alguns de seus escritos sobre a homossexualidade, Lee (1976) analisa os estilos de amor entre homossexuais a partir de anúncios em jornais. Resgatando o amor cortês, o autor ressalta o papel modulativo da cultura nos estilos de amar de determinados grupos. Nesse sentido, articula a maior liberação homossexual ao desenvolvimento de estilos lúdico-eróticos entre os gays.

Lee (1976, p. 406, tradução livre) também discorre que “os fatores que predisõem heterossexuais à Mania [...] são ainda mais prováveis de ocorrer entre homossexuais que têm que lidar com ambientes homofóbicos, desaprovação dos pais e ansiedades de viver ‘no armário’”. Se o indivíduo internaliza a desaprovação social e passa a desaprovar a si próprio, isso se revela nos relacionamentos, acionando condições da ambivalência típicas de Mania. Ainda, “gays conscientes e orgulhosos de serem gays são menos prováveis de experimentar baixa autoestima, que é um fator que predispõe à Mania” (Lee, 1976, p. 415, tradução livre). Embora seja uma construção argumentativa um tanto antiga, poucos foram os estudos empíricos que se dedicaram a buscar evidências para tais hipóteses.

A partir disso, este artigo tem três principais objetivos. Primeiro, apresentar evidências de validade e fidedignidade para a EEA, auxiliando a adaptação da escala ao contexto brasileiro na amostra de pessoas homossexuais. Em segundo, testar a localização espacial dos fatores em busca de evidências da circunplexidade dos estilos na população investigada. Por fim, analisar os estilos de amar entre casais homoafetivos, buscando evidências para as articulações teóricas de Lee a respeito do amor entre homossexuais.

Espera-se inserir os relacionamentos homoafetivos de maneira mais robusta nas pesquisas do amor na psicologia social, ampliando o campo de referência para estudos futuros.

Método

Participantes

Participaram desta pesquisa 1.380 homens e mulheres homossexuais brasileiros(as). Dentre eles, 966 foram do sexo masculino (69,9%) e 414 (30,0%) do sexo feminino, com idade média de 28,38 (DP= 8,401 [18-68]). Em relação à identidade de gênero, 93,7% dos participantes foram cisgêneros (n= 1294), mas é importante mencionar a participação de homens (n= 20) e mulheres (n= 8) transgêneros e de pessoas identificados como gênero não-binário/outros (n= 58). De Oliveira e Hernandez (2020) fornecem subsídios metodológicos para a mensuração da sexualidade em pesquisas psicométricas, chamando a atenção para a necessidade de identificar adequadamente a variável latente da pesquisa. Neste caso, utilizou-se o critério metodológico da autodeclaração para mensurar a homossexualidade do participante. O sujeito deveria concordar que “predominantemente sente atração sexual, afetiva e/ou romântica por pessoas do mesmo gênero”, independentemente de seu sexo ou identidade de gênero. Algumas considerações sobre esse critério são feitas ao final da discussão.

Instrumentos

Utilizou-se um formulário *online de coleta de dados* (*Google Forms*) para se obter dados sociodemográficos como sexo, identidade de gênero, escolaridade, profissão, região etc. Também foram coletados dados relativos à vivência de experiências amorosas e relativos à vivência da homossexualidade dos participantes, incluindo dados sobre a família de origem (1-receptiva/aceitou bem ou parcialmente bem a homossexualidade do participante, ou 2-repressora/não aceitou e/ou reprimiu a homossexualidade do participante) e a vivência de preconceito (‘múltiplos episódios de agressão verbal e/ou física em relação a orientação sexual’).

Em seguida, o participante respondeu à Escala de Estilos do Amor – EEA (Hendrick & Hendrick, 1986; De Andrade & Garcia, 2014). O instrumento possui 37 itens que mensuram aspectos correlacionados às atitudes individuais no amor, divididos em seis dimensões (Ágape, Mania, Eros, Storge, Ludus, Pragma). A resposta para as afirmativas de cada item pode variar em uma escala *likert* de 5 pontos, de “concordo fortemente” a

“discordo fortemente”. Neste caso, optou-se pela retirada do item “Antes de me envolver seriamente com alguém, tento pensar no quanto somos compatíveis geneticamente no caso de termos filhos”, pertencente ao fator Pragma, devido à incompatibilidade do conteúdo do item a grande parte da amostra (relacionamentos homoafetivos cisgêneros).

Procedimentos de coleta e aspectos éticos

Esta pesquisa recebeu parecer positivo na Plataforma Brasil, nº 4.084.090 (Comitê de Ética do IPUB/UFRJ). Todos os participantes foram informados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a respeito dos objetivos da pesquisa, bem como resguardados quanto à garantia de sigilo e anonimato dos dados. A coleta foi realizada entre os meses de novembro e dezembro de 2020 através de um formulário *online* (Google Forms). Devido ao amplo recrutamento nas redes sociais, que contou com divulgação de veículos midiáticos de amplo alcance e engajamento da comunidade LGBTQIA+, grupos acadêmicos de todo o Brasil e contatos pessoais dos pesquisadores, o estudo rapidamente se espalhou para todas as regiões do país.

Análise de dados

Através do *software Factor*, realizou-se Análise Fatorial Exploratória (AFE) através do *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS) (Asparouhov & Muthen, 2010) com procedimentos de *bootstrapping* (500 re-amostragens; 95%BCa) (Haukoos & Lewis, 2005). Utilizou-se a técnica da Análise Paralela (Timmerman & Lorenzo-Seva, 2011) para retenção fatorial e a rotação utilizada foi a *Robust Promin* (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2019). A estabilidade dos fatores foi avaliada por meio do índice *H* (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018). Valores altos de *H* (> 0,80) indicam maiores chances de replicabilidade.

Por meio do *software JASP*, realizou-se Análise Fatorial Confirmatória (AFC) e Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFCMG), utilizando o método de estimação RDWLS, apropriado para dados categóricos-ordinais (Li, 2016). A AFCMG investigou a invariância da medida para homens e mulheres, de diferentes regiões do Brasil e estado civil (solteiro(a), namorando ou casado(a)/união estável), comparando os modelos configural, métrico e escalar. O teste de diferença do CFI (*Comparative Fit Index*) foi utilizado para constatar a invariância da medida (se Δ CFI for > 0,01, a invariância não pode ser acatada) (Damásio, 2013).

Os índices de ajuste utilizados foram a razão χ^2/gl , o *Comparative Fit Index* (CFI), o *Tucker-Lewis Index* (TLI), o *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA) e o *Standardized Root Mean Residual* (SRMR). De acordo com Brown (2006), a razão χ^2/gl deve ser \leq que 5 ou \leq que 3, preferencialmente. CFI e TLI devem ser $>$ que 0,90 ou \geq 0,95, preferencialmente. Já os valores de RMSEA devem ser \leq que 0,08, ou preferencialmente, \leq que 0,06, com intervalo de confiança (limite superior) \leq 0,10. Cálculos de confiabilidade composta foram realizados para cada fator (Raykov, 1997) e observou-se a consistência interna da escala completa (alfa de Cronbach de ômega de McDonald).

Seguindo Cassepp-Borges e Ferrer (2019) como estudo-referência, foi realizado Escalonamento Multidimensional (EMD) para investigar a circunplexidade e a distribuição espacial dos dados (Giguère, 2006). Através do algoritmo de resolução PROXSCAL (*Proximity Scaling*), solicitou-se um modelo bidimensional baseado nas distâncias euclidianas

Por fim, uma vez que a amostra é composta por homossexuais de diferentes sexos e gêneros, a análise interseccional se mostra necessária para aumentar a sensibilidade da pesquisa em especificar as diferentes vivências incluídas no termo “homossexualidade” (De Oliveira & Hernandez, 2020). Nesse sentido, realizou-se Análise Multivariada de Variância (MANOVA) para analisar em que medida estilos de amor variaram entre homens e mulheres, cisgêneros, transgêneros e de gênero não-binário e em relação ao estado civil. Também se observaram as diferenças nas médias entre os participantes que sofreram preconceito e discriminação ao longo da vida e os que não, e entre os que vieram de famílias receptivas e os que vieram de famílias repressoras, seguindo hipótese de Lee (1976) anteriormente mencionada. Dada a homogeneidade de covariância ($M\text{ BOX } p > 0,05$), utilizou-se os post-hoc de Bonferonni.

Resultados

Todos os estados do Brasil foram contemplados na amostra, que contou com diversidade em diferentes aspectos sociodemográficos (Tabela 1). Os estados com menos participantes foram Roraima ($n = 1$), Acre ($n= 2$), Rondônia ($n= 4$) e Tocantins ($n= 5$), de forma que houve uma menor representatividade da região Norte.

Tabela 1. Características sociodemográficas da amostra

		Região					Total
		Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul	
Sexo	Masculino	45	182	75	546	118	966
	Feminino	18	84	27	243	42	414
Gênero	Cisgênero	56	252	96	740	150	1294
	Transgênero	2	3	2	21	0	28
	Não-binário	5	11	4	28	10	58
Década de nascimento	1950-1959	0	0	0	3	0	3
	1960-1969	0	4	1	26	2	33
	1970-1979	0	16	5	57	10	88
	1980-1989	13	54	19	190	44	320
	1990-1999	33	128	63	418	91	733
	2000-2002	17	64	14	95	13	203
Estado civil	Solteiro(a)	32	136	43	411	83	705
	Namorando	19	76	35	211	35	376
	Casado/União estável	12	54	24	167	42	299
Raça ou etnia	Branco(a)	12	95	58	486	123	774
	Preto(a)	14	59	5	101	10	189
	Pardo(a)	33	105	35	193	22	388
	Outra	4	7	4	9	5	29
Escolaridade	Fundamental incompleto	0	3	0	5	0	8
	Fundamental completo	1	0	0	4	0	5
	Médio incompleto	6	20	0	14	6	46
	Médio completo	5	45	12	85	13	160
	Superior incompleto	26	80	36	268	42	452
	Superior completo	8	50	24	179	39	300
	Pós-graduação lato sensu	6	37	19	127	25	214
	Mestrado ou doutorado	11	31	10	95	32	179
Pós-doutorado/Phd	0	0	1	12	3	16	

Análise Fatorial Exploratória e confiabilidade composta

Os testes de esfericidade de Bartlett (15724.7, $gl = 666$, $p < 0.000010$) e KMO (0.83398) sugeriram que a matriz era favorável. O teste de Mardia indicou que não havia normalidade multivariada. Na Análise Paralela, os valores das variáveis 6 e 7 na matriz real foram, respectivamente, 5,2133 e 2,7652, enquanto na matriz de dados aleatórios com intervalo de confiança de 95% foram 4,9723 e 4,7927. Seis fatores foram retidos, pois seis itens da matriz real apresentaram % de variância explicada maior do que os dados aleatórios. Ao total, o modelo com 6 fatores explicou 62% da variância dos dados. A saturação dos itens foi adequada em seus respectivos fatores e não houve nenhuma carga cruzada ($>0,30$)

(Tabela 2). Os índices de ajuste foram adequados (RMSEA = 0,063; CFI = 0,947; TLI= 0,923).

Tabela 2. Estrutura fatorial e carga média dos fatores da EEA

	F1	F2	F3	F4	F5	F6
eros_1	0,79					
eros_2	0,92					
eros_3	0,55					
eros_4	0,59					
eros_5	0,85					
eros_6	0,72					
eros_7	0,57					
mania_1		0,72				
mania_2		0,87				
mania_3		0,57				
mania_4		0,86				
mania_5		0,66				
mania_6		0,43				
Ágape_1			0,73			
Ágape_2			0,76			
Ágape_3			0,76			
Ágape_4			0,81			
Ágape_5			0,77			
Ágape_6			0,82			
Ágape_7			0,69			
storge_1				0,80		
storge_2				0,86		
storge_3				0,69		
storge_4				0,57		
storge_5				0,53		
ludus_1					0,94	
ludus_2					0,99	
ludus_3					0,85	
ludus_4					0,79	
ludus_5					0,73	
pragma_1						0,60
pragma_2						0,55
pragma_3						0,63
pragma_4						0,71
pragma_5						0,47
pragma_6						0,45
Carga média	0,71	0,69	0,76	0,69	0,86	0,57

A Tabela 3 apresenta a média, variância, confiabilidade composta e índice de replicabilidade dos fatores. As médias mais altas foram em Mania (M=3,80 DP=0,747) e

Ludus (M=3,70 DP=0,905) e as mais baixas em Eros (M=1,96 DP=0,649) e Storge (M=2,47 DP=0,799). Ágape e Pragma apresentaram a correlação entre os fatores mais fraca (0,002), enquanto a mais forte foi entre os fatores Mania e Ágape (0,38), seguido de Storge e Pragma (0,29) e Eros e Pragma (0,26). Em geral, os índices de replicabilidade (H-Latent) foram satisfatórios, variando entre 0,87 e 0,98, com exceção do fator Pragma (0,78). A confiabilidade composta dos fatores variou de 0,74 a 0,93. O alfa de Cronbach da escala geral foi satisfatório ($\alpha = 0,80$), mas o ômega de McDonald foi mediano ($\Omega = 0,69$).

Tabela 3. Médias, variância, confiabilidade e replicabilidade

	Eros	Mania	Ágape	Storge	Ludus	Pragma
N	1380	1380	1380	1380	1380	1380
Total de itens	7	6	7	5	5	6
Média	1,96	3,80	3,35	2,47	3,70	2,83
Variância explicada (%)	15%	13%	10%	9%	7%	5%
Confiabilidade composta	0,88	0,85	0,91	0,82	0,93	0,74
H-Latent	0,92	0,89	0,92	0,87	0,98	0,78

Análise Fatorial Confirmatória e consistência interna

A AFC indicou que a estrutura de 6 fatores se ajustou bem aos dados ($\chi^2 = 2.058.378$ (459), $p < 0,001$; $\chi^2/\text{gl} = 4,48$; CIF = 0,93; TLI= 0,92; RMSEA= 0,043]0,041 – 0,045[; e SRMR= 0,051). Assim como na AFE, a correlação mais relevante na AFC foi entre os fatores Ágape e Mania (0,32). A consistência interna dos fatores foi adequada para Ágape ($\Omega = 0,853$; $\alpha = 0,852$), Ludus ($\Omega = 0,879$; $\alpha = 0,876$), Eros ($\Omega = 0,819$; $\alpha = 0,811$), Storge ($\Omega = 0,769$; $\alpha = 0,775$) e Mania ($\Omega = 0,789$; $\alpha = 0,786$) e mediana para Pragma ($\Omega = 0,712$; $\alpha = 0,707$).

Os índices de modificação analisados indicaram os itens 15, 21, 26 e 37 poderiam ser mais bem explicados por fatores aos quais não foram designados. Decidiu-se testar o modelo retirando os itens indicados para modificação, bem como itens com baixas cargas fatoriais ($< 0,5$) e importância para o fator. Foram fixados 5 itens para o fator Ágape, 5 para Ludus, 5 para Eros, 4 para Pragma, 4 para Storge e 5 para Mania. Foram retirados os itens 1, 2, 15, 19, 21, 26, 31 e 37, além do 23 anteriormente excluído, restando 28 variáveis observadas na matriz.

Houve melhora significativa nos ajustes do modelo reduzido ($\chi^2 = 523.366$ (237), $p < 0,001$; $\chi^2/\text{gl} = 2,20$; CIF = 0,96; TLI= 0,96; RMSEA= 0,030]0,026 – 0,033[; e SRMR= 0,038). Mesmo com a redução de itens, a consistência interna continuou satisfatória para

Ágape ($\Omega = 0,818$; $a = 0,820$), Ludus ($\Omega = 0,867$; $a = 0,867$), Eros ($\Omega = 0,793$; $a = 0,810$), Storge ($\Omega = 0,756$; $a = 0,768$) e Mania ($\Omega = 0,785$; $a = 0,768$) e mediana para Pragma ($\Omega = 0,643$; $a = 0,655$).

Os resultados da AFCMG acataram à invariância configural, métrica e escalar (Tabela 3) para região, sexo e estado civil. Para comparar modelos na AFCMG, a diferença entre os valores de RMSEA não deve ser $> 0,005$, entre valores de SMRS $> 0,025$ e $0,030$ e o ΔCFI deve ser $< 0,01$ (Cheung & Rensvold, 2002).

Tabela 4. Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFMG) para EEA

Região	RMSEA (90% IC)	SRMR	TLI	CFI	ΔCFI
Modelo Configural	0,032 (0,029 – 0,036)	0,066	0,959	0,963	-
Modelo Métrico	0,035 (0,032 – 0,038)	0,068	0,954	0,956	0,007
Modelo Escalar	0,033 (0,030 – 0,036)	0,066	0,957	0,957	0,001
Sexo					
Modelo Configural	0,038 (0,036 – 0,041)	0,054	0,942	0,947	-
Modelo Métrico	0,039 (0,037 – 0,041)	0,055	0,940	0,943	0,004
Modelo Escalar	0,040 (0,037 – 0,042)	0,054	0,939	0,941	0,002
Estado civil					
Modelo Configural	0,036 (0,034 – 0,039)	0,058	0,947	0,952	-
Modelo Métrico	0,037 (0,035 – 0,040)	0,060	0,945	0,948	0,004
Modelo Escalar	0,038 (0,036 – 0,040)	0,060	0,942	0,943	0,004

Escalonamento Multidimensional

As medidas de ajustamento *Stress (Standardized Residual Sum of Squares)* foram satisfatórias (quanto menor o índice, melhor o modelo): *Normalized Raw Stress* = 0,00911; *Stress-I* = 0,09545 (*Optimal factor* = 1,009); *Stress-II* = 0,09454 (*Optimal factor* = 1,009); *S Stress* = 0,00927 (*Optimal factor* = 1,003)). Os demais índices de ajuste também foram adequados: *DAF (Dispersion Accounted For)* = 0,99089 e *Tucker's Coefficient of Congruence* = 0,99543. Nesse caso, quanto mais próximo a 1, melhor é o ajuste (Giguère, 2006).

O mapa perceptual bidimensional pode ser visualizado na Figura 1. A maioria dos estilos seguiram satisfatoriamente a ordem do disco cromático (azul \rightleftharpoons verde \rightleftharpoons amarelo \rightleftharpoons laranja \rightleftharpoons vermelho \rightleftharpoons roxo \rightleftharpoons azul...). Contudo, houve uma inversão entre o vermelho (Eros) e o laranja (Ágape), de forma que o laranja se aproximou do roxo (Mania) e o vermelho ficou próximo ao amarelo (Storge) e ao verde (Pragma).

Além disso, as variáveis não se agruparam de maneira tão circular quanto se esperava, assemelhando-se mais a uma elipse. Os vértices do eixo maior seriam o

vermelho/Eros (A₁) e o roxo/Mania, com menor presença do azul/Ludus (A₂), enquanto o eixo menor seria composto pelo laranja/Ágape (B₁) e pelo verde/Pragma, com menor presença do azul/Ludus (B₂).

As variáveis laranjas Ágape_3 (“Penso que não dá pra ser feliz a menos que coloque a felicidade de meu parceiro (a) antes da minha”), Ágape_4 (“Penso em primeiro atender as necessidades de meu companheiro(a) e depois as minhas”) e Ágape_5 (“Acho importante sacrificar meus desejos para deixar meu parceiro (a) realizar os seus”) se agruparam muito próximas às roxas (Mania), sobretudo com a variável mania_4 (“Acho difícil relaxar quando sei que meu parceiro(a) está com outra pessoa”). Da mesma maneira, o item mania_3 (“Acho importante saber tudo que aconteceu na vida de meu companheiro(a)”) se distanciou do seu grupo em aproximação aos laranjas (Ágape).

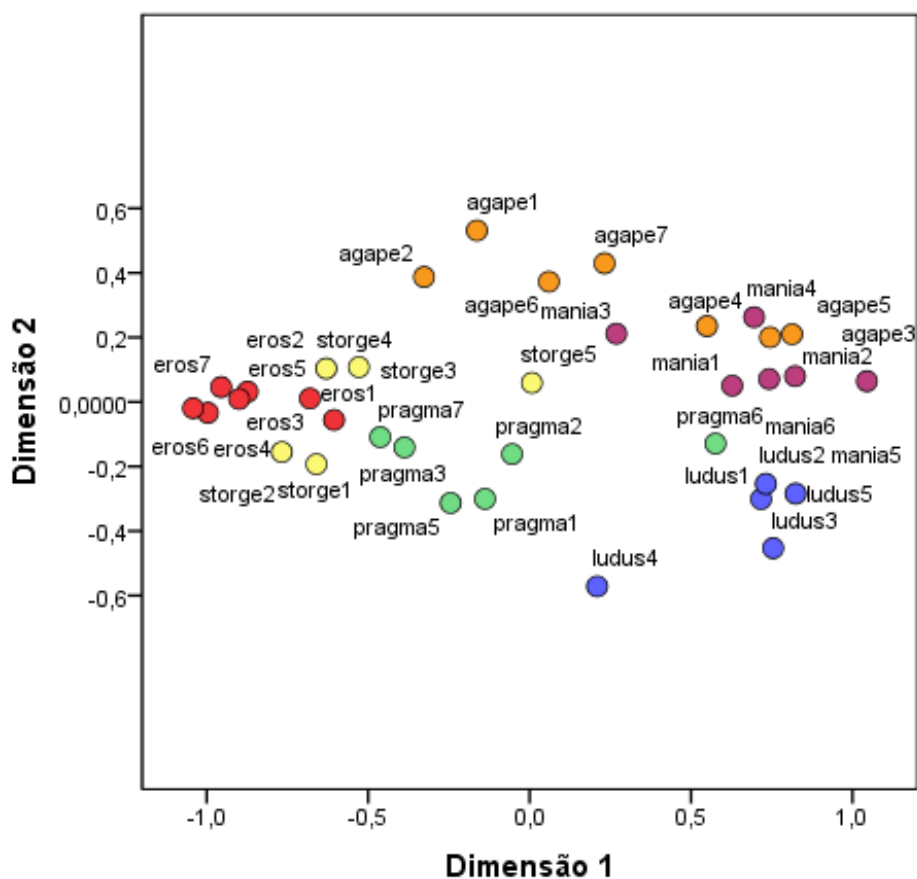


Figura 1. Escalonamento Multidimensional PROXSCAL

Os itens da variável Storage (amarelo) não se agruparam adequadamente. Houve dispersão entre Eros (vermelho) e Pragma (verde). O item storge_5 (“Penso que em meus romances a amizade transformou-se gradativamente em amor”) foi o que mais se afastou das demais, se aproximando do centro do mapa. A variável pragma_6 (“Acho que para

escolha de um companheiro (a) é preciso utilizar a razão”) também se dispersou do seu grupo e se aproximou mais de Ludus (azul). Em relação ao estilo Ludus, o item ludus_4 (“Agrada-me a ideia de ter muitas aventuras românticas”) apresentou maior distância em relação ao todo.

Estilos de amor e aspectos sociodemográficos

O teste *M* de BOX acatou o pressuposto de homogeneidade de covariância para todas as variáveis fixas. Os resultados da MANOVA demonstraram que houve efeito para sexo ($F(6, 1369) = 3,020, p = 0,006; h^2 = 0,013$) e gênero ($F(12, 2740) = 2,459, p = 0,004; h^2 = 0,011$). Post-hoc de Bonferroni demonstrou que homens obtiveram escores maiores ($M = 3,471; DP = 0,090$) do que mulheres ($M = 3,092; DP = 0,092$) em *Ágape* ($p = 0,003$) e as mulheres escores superiores ($M = 3,867; DP = 0,099$) aos homens ($M = 3,487; DP = 0,097$) em Ludus ($p = 0,006$).

Quanto ao gênero, apenas a variável *Eros* apresentou diferenças significativamente estatísticas, sendo que os participantes de gênero não-binário apresentaram escores maiores ($M = 2,321; DP = 0,012$) do que os participantes cisgêneros ($M = 1,917; DP = 0,034, p = 0,004$). É importante notar que a diferença no tamanho dos grupos em relação à identidade de gênero foi grande. Apesar da técnica de re-amostragem solucionar parcialmente o problema, pesquisas mais parcimoniosas em relação ao tamanho dos grupos são necessárias.

Também houve efeito para a variável estado civil $F(12, 2752) = 12,433, p = 0,000; h^2 = 0,051$). O teste entre sujeitos indicou diferença significativamente estatisticamente em todas as variáveis dependentes, embora baixo tamanho de efeito. Post-hoc de Bonferroni demonstrou que, quanto à variável *Ágape*, solteiros apresentaram maiores escores ($M = 3,512; DP = 0,031$) do que os participantes namorando ($M = 3,188; DP = 0,042, p = 0,000$) e casados ($M = 3,179; DP = 0,047, p = 0,000$). Em relação à variável *Ludus*, os participantes namorando ($M = 3,876; DP = 0,046$) e casados ($M = 3,800; DP = 0,052$) apresentaram escores maiores do que os participantes solteiros ($M = 3,563; DP = 0,034, p = 0,000$). Na variável *Pragma*, solteiros ($M = 2,735; DP = 0,024$) apresentaram escores inferiores aos dos participantes namorando ($M = 2,929; DP = 0,036, p = 0,046$) e casados ($M = 2,920; DP = 0,041, p = 0,009$). Quanto à variável *Storge*, os participantes namorando ($M = 2,550; DP = 0,041$) e casados ($M = 2,573; DP = 0,046$) apresentaram escores maiores do que os solteiros ($M = 2,373; DP = 0,030, p = 0,001$). Na variável *Eros*, os participantes casados ($M = 2,063; DP = 0,037$) obtiveram escores maiores do que os namorando ($M = 1,942; DP = 0,033, p = 0,009$) e solteiros ($M = 1,930; DP = 0,024, p = 0,046$). Por fim, os participantes casados (M

= 3,890; DP = 0,043) obtiveram escores maiores do que os solteiros(as) ($M = 3,763$; DP = 0,028, $p = 0,041$) na variável *Mania*.

Houve um sutil efeito para a variável tipo de família ($F(24, 5492) = 1,630$ $p = 0,027$; $h^2 = 0,007$) e o teste entre sujeitos indicou diferença significativamente estatisticamente apenas para a variável *Mania* ($F(4) = 1,445$, $p = 0,035$, $h^2 = 0,008$). Os participantes que tiveram família totalmente receptivas da sexualidade tiveram médias maiores ($M=3,927$ DP =0,050) do que os que tiveram família totalmente repressoras ($M=3,712$ DP=0,059, $p=0,040$). Já os participantes que vivenciaram preconceito e discriminação com frequência ($F(6000) = 3,294$ $p = 0,003$; $h^2 = 0,014$) tiveram escores menores em *Ágape* ($M=3,273$ DP=0,032) do que os que não vivenciaram ($M=3,449$ DP=0,035, $p=0,000$), bem como escores maiores em *Mania* ($M=3,846$ DP=0,028) do que os que não vivenciaram ($M=3,745$ DP=0,033, $p=0,042$).

Discussão

Este artigo teve o objetivo de apresentar evidências psicométricas para a EEA, explorar a distribuição espacial dos dados em busca da circunplexidade da medida e investigar os estilos de amar em casais homoafetivos. Com base nisso, foram organizadas 3 seções de discussão e 1 seção com considerações finais, limitações do estudo e um itinerário para pesquisas futuras.

Estrutura fatorial, consistência e invariância da medida

Nesta pesquisa, a retenção dos fatores indicou as seis primeiras variáveis explicando 62% da variância total. Estudos anteriores haviam apresentado variância total de 45% (Hendrick & Hendrick, 1986), 42% (Andrade & Garcia, 2009) e 40% (Andrade & Garcia, 2014). Os índices de ajustes foram satisfatórios e semelhantes a estudos anteriores (Cassepp-Borges & Ferrer, 2019; Rodríguez-Santero et al., 2017; Rohmann et al., 2016; Andrade & Garcia, 2009, 2014; Yang & Liu, 2007; Rotzien et al., 1994; Hendrick & Hendrick, 1986).

A consistência interna variou de 0,70 (Pragma) a 0,87 (Ludus) e a confiabilidade composta de 0,74 (Pragma) a 0,93 (Ludus), em média semelhante ou superior às pesquisas anteriores. A variável Ludus apresentou a maior carga fatorial média (0,86) e consistência interna (0,87) maior do que os demais estudos em língua portuguesa (<0,60) (Cassepp-Borges & Ferrer, 2019; Andrade & Garcia, 2009, 2014; Neto, 1998) e o estudo original (0,74) (Hendrick & Hendrick, 1986). A variável Pragma obteve a menor consistência interna (0,70), sutilmente inferior aos demais estudos (0,75), mas ainda adequado.

Na análise exploratória, nenhum item saturou em um fator ao qual não pertencia, indicando certa ortogonalidade da medida, como discutido por Lee (1988) e utilizado por Hendrick e Hendrick (1986) e Andrade e Garcia (2009). Entretanto, métodos ortogonais impossibilitam analisar as correlações entre os fatores, que, apesar de conceitualmente serem baixas, podem surgir e se transformar em importantes fios condutores da análise e discussão, como é o caso do estudo de Cassepp-Borges e Ferrer (2019). Os autores encontraram correlações significativas entre *Ágape* e *Eros* (0,32), *Ágape* e *Mania* (0,29) e *Storge* e *Pragma* (0,34). Neste atual estudo, a correlação entre *Ágape* e *Mania* foi a mais proeminente (0,38), seguido de *Storge* e *Pragma* (0,29) e *Eros* e *Pragma* (0,26).

A análise confirmatória também apresentou índices de ajustes satisfatórios e cargas e correlações semelhantes à AFE. A análise de invariância indicou que a EEA foi uma medida equivalente para homens e mulheres, de diferentes estados civis e regiões do Brasil, salvaguardando possíveis vieses de resposta. Acatando sugestão dos índices de modificação, alguns itens foram retirados da escala, deixando-a com 28 itens, o que acarretou melhores índices de ajuste, mas afetou sutilmente a consistência interna dos fatores. Hendrick e colaboradores (1998) haviam mostrado índices de consistência superiores em uma versão reduzida e Andrade e Garcia (2014) recomendaram a redução da escala para estudos futuros. Em contraponto, a metanálise de Graham e Christiansen (2008) indicou que as evidências sobre o uso da EEA reduzida são mistas, sugerindo o uso da versão completa.

Circumplexidade

Em grande parte, os resultados da análise da distribuição espacial dos fatores foram semelhantes aos de Cassepp-Borges e Ferrer (2019). Houve uma inversão entre o vermelho e o laranja na ordenação circular das cores e as demais cores seguiram relativamente a ordem da teoria. Segundo o mapa perceptual, os itens de *Ágape* se aproximaram mais de *Mania*, deixando os itens de *Eros* próximos de *Storge* e *Pragma*, que também se associaram fortemente. Tais distâncias no mapa, associadas às correlações constatadas entre *Ágape* e *Mania*, *Storge* e *Pragma* e *Eros* e *Pragma*, refutam a hipótese da localização espacial dos fatores como proposto por Lee na teoria original (1973). Para suportar a hipótese, cada estilo (cor) deveria se correlacionar positivamente apenas com os estilos (cores) adjacentes, o que não aconteceu.

Há argumento teórico para explicar as correlações entre *Pragma* e *Storge*, haja vista que são estilos adjacentes no disco cromático original e devem se correlacionar, mas *Eros* e *Pragma* são complementares e deveriam se correlacionar negativamente, apesar de haver

algumas possíveis semelhanças entre eles (ambos se guiam por padrões, estéticos ou sociais). Sobretudo a correlação entre Ágape e Mania não encontra respaldo teórico em Lee (1973). Entretanto, suporta parcialmente o novo modelo de divisão das cores proposto por Cassepp-Borges e Ferrer (2019). Como visto anteriormente, Ágape seria uma manifestação mais branda de Mania e Pragma o mesmo em relação à Storge (consultar o artigo original para informações visuais).

Os itens *storge_5* e *mania_6*, que se afastaram consideravelmente dos demais itens de seus grupos, já haviam apresentado baixa carga fatorial na análise exploratória, bem como têm aproximações teóricas que podem respaldar a fragmentação. *Mania_6* (“Acho importante saber tudo que aconteceu na vida de meu companheiro(a)”) pode ser facilmente interpretado como uma preocupação genuína não obsessiva com o(a) parceiro(a), se aproximando de Ágape, como aconteceu. Ao passo que, o item *Ágape_3* (“Penso que não dá pra ser feliz a menos que coloque a felicidade de meu parceiro (a) antes da minha”) se aproximou mais de Mania. Esse item apresentou o mesmo padrão no estudo-referência, podendo expressar baixa autoestima e submissão emocional típico de Mania, mas também o sincero autosacrifício de Ágape.

Tais resultados corroboram a hipótese de Ágape como um fator brando (estágio I) de Mania (estágio II). Contudo, no nosso mapa, as variáveis se distanciaram mais do que Cassepp-Borges e Ferrer (2019), bem como as distâncias entre as variáveis se adequaram mais ao formato de uma elipse. A ordenação dos estilos no mapa perceptual é similar ao modelo de três grandes fatores das medidas do amor, investigado em metanálise (Graham, 2011). A autora correlacionou as propriedades psicométricas de algumas escalas de amor em busca de um fator geral de segunda ordem, mas encontrou três fatores variando em comum entre as escalas: amor romântico, amizade pragmática e obsessão romântica.

Com base na metanálise supracitada, nossa proposta é que os eixos maiores da elipse (A_1 e A_2) antagonizam amor romântico (Eros – vermelho) e obsessão romântica (Mania – roxo), sendo Ágape (laranja) adjacente de Mania. A amizade pragmática (Pragma e Storge – verde e amarelo) estaria mais a centro-esquerda e as relações de *gameplaying* (Ludus – azul) mais a direita-inferior da forma (Figura 2). Os novos pares de complementares seriam Eros x Mania, Storge x Ludus e Ágape x Pragma. Além da ordenação e complementaridade das cores, propõe-se um gradiente de intensidade com máximo nas extremidades A_1 e A_2 e mínimo nos eixos B_1 e B_2 . Supõe-se que do eixo B à A_1 estabelecem-se relações predominantemente saudáveis e à A_2 , relações possivelmente problemáticas.

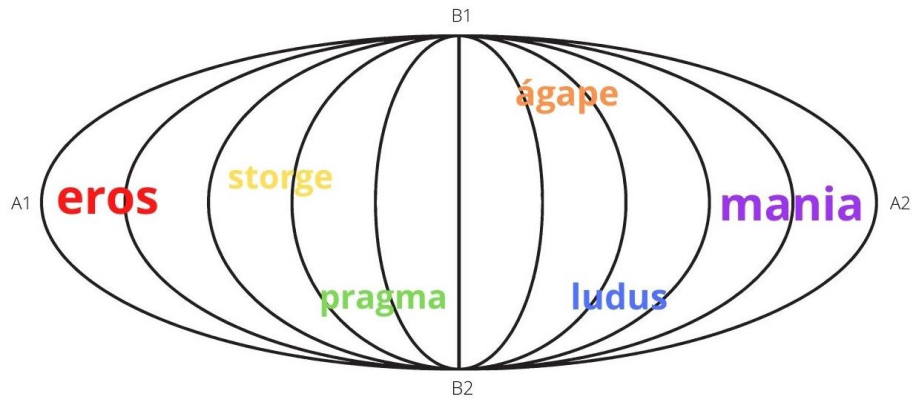


Figura 2. Representação da elipse cromática de distância e complementaridade entre os estilos

Tal articulação teórica reforça a definição inicial de Lee (1973) dos estilos do amor como o conjunto diverso de atitudes dentro de um relacionamento específico. Ou seja, nem toda relação amorosa é composta de romantismo (primeiro fator da metanálise) e a escala se mostra sensível para diferenciar as atitudes nos relacionamentos que mais se aproximam de amizade ou obsessão. Discussões mais profundas sobre até que ponto a amizade pragmática e a obsessão romântica podem ser consideradas medidas de amor devem ser feitas, mas enquanto estilos de relacionamento (Mania/Pragma/Storge), a EEA contempla adequadamente a sua mensuração.

Relacionamentos homoafetivos

Os participantes gays obtiveram maiores escores em *Ágape* do que as lésbicas, que tiveram maiores escores para *Ludus*. Homens já haviam apresentado maiores escores em *Ágape* (Andrade & Garcia, 2014), mas a prevalência de *Ludus* em mulheres contradiz estudos que mostram que homens assumem mais facilmente o estilo *Ludus* e mulheres, os estilos *Storge*, *Pragma* e *Mania* (Hendrick & Hendrick, 1986). Andrade e Garcia (2014) também encontraram escores de *Ludus* e *Ágape* mais elevados entre os homens, embora não tenham sido encontrados estudos em que mulheres tenham apresentado escores mais elevados em *Ludus*. Peplau e Fingerhut (2007) sugerem que os padrões de gênero levam as mulheres a priorizar menos o sexo, o que se amplificaria em relações lésbicas, mas não aconteceu nesta amostra.

Em estudo específico das diferenças no amor entre os gêneros, Hendrick e Hendrick (1995) indicaram que homens tem maior tendência a ter múltiplos parceiros(os) sexuais e as mulheres a dar maior importância ao amor. Resgata-se a hipótese sociobiológica abordada no estudo da aprendizagem social sobre homens serem em geral mais inclinados para o sexo e mulheres para o amor. Esta hipótese não encontrou respaldo nos resultados desta pesquisa,

em que as mulheres obtiveram maiores escores para Ludus. No entanto, a abordagem da aprendizagem social pode ser uma rica lente para discutir o assunto. Estudos futuros poderão se debruçar sobre a construção biopsicossocial das relações amorosas entre mulheres lésbicas.

Em adaptação brasileira anterior, as pessoas que estavam em um relacionamento tiveram maiores escores em Ágape e os solteiros apresentaram médias maiores para Ludus (Andrade & Garcia, 2014). Na amostra deste estudo, encontrou-se o oposto. Solteiros foram mais propensos ao amor altruísta e coletivo (Ágape), indicando certa disponibilidade para amar, enquanto os participantes que estavam namorando foram predominantemente guiados por padrões sociais (Pragma) e desconexão afetiva (Ludus) e os casados mostraram ter relações mais românticas (Eros) e de intimidade e companheirismo (Storge), bem como maiores escores para amores obsessivos (Mania). Zamora e colaboradores (2013) também encontraram maiores escores para Mania e Pragma entre os participantes não-solteiros. Esses resultados podem ser importantes para analisar a evolução dos estilos ao longo do relacionamento.

Em geral, as maiores médias foram em Mania (3,80) e Ludus (3,70), contrastando com baixas médias em Eros (1,96) e Storge (2,47). Tais resultados indicam que as relações homoafetivas nesta amostra foram mais caracterizadas por atitudes de descompromisso e desapego (Ludus) e guiadas por padrões sociais (Pragma). Para Lee (1976), principalmente após o movimento social de liberação da homossexualidade, sobretudo os gays passaram a vivenciar estilos lúdico-eróticos com mais frequência, marcados por experimentação, intensidade e romantismo, mas sem compromisso. No caso desta amostra, o romantismo de Eros só foi constatado entre os casados, prevalecendo estilos lúdicos-maníacos na amostra geral.

Como visto, Lee destacou que lidar com um ambiente social homofóbico, a rejeição dos pais e a ansiedade de viver 'no armário' podem predispor estilos como a Mania e Ludus entre os homossexuais (Lee, 1976). Os resultados da análise de variância foram mistos em relação a isso. Embora com sutil tamanho de efeito, o que implica pouca interpretabilidade prática, os participantes que vivenciaram preconceito e discriminação realmente tiveram escores maiores em Mania e menores escores em Ágape. Contudo, em relação à família, os participantes que vieram de família que reprimiram suas sexualidades tiveram escores menores em Mania do que os que vieram de famílias receptivas, o contrário do que foi hipotetizado.

Em geral, pesquisas que abarquem a impacto do preconceito nos relacionamentos homoafetivos ainda são necessárias. Kurdek (1998) apresentou correlações entre suporte social e satisfação conjugal em casais homoafetivos. A influência da identidade de gênero, família de origem e da vivência de preconceito no desenvolvimento dos estilos de amor não ficou plenamente clara nos dados desta pesquisa, mas outras pesquisas discutem a importância da família no processo de descoberta e desenvolvimento da sexualidade (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2018) e a influência dos estigmas e do preconceito nos relacionamentos homoafetivos (Peplau & Fingerhut, 2007; Nascimento et al., 2015).

Segundo Lee (1976), revisões da literatura (LaFontaine et al., 2013; Peplau & Fingerhut, 2007) e outros estudos (Kurdek, 2006), os pilares da construção e manutenção de relacionamentos entre homossexuais são semelhantes aos entre heterossexuais, com algumas ligeiras diferenças. Os maiores escores para Ludus e Mania desta amostra devem ser cuidadosamente interpretados. É importante lembrar que os estilos são aprendidos socialmente (Lee, 1973). Portanto, as diferenças entre os sexos em comparação a estudos com heterossexuais são associadas a papéis sociais de gênero e sexualidade que, muitas vezes, são conflituosos para homossexuais e podem decrescer ou predispor a vivência de determinadas formas de se relacionar (estilos de amor). Em contraponto com os estigmas atrelados à homossexualidade, estudos vêm demonstrando que casais homoafetivos apresentam altos índices de coesão e adaptabilidade (Mosmann, Lomando, & Vagner, 2010) e têm a intimidade e o compromisso como preditores de satisfação conjugal (Hernandez & Baylão, 2020), mas também que são relações mais suscetíveis ao término (Kurdek, 1998) e aos estilos lúdico-eróticos (Lee, 1976)

Limitações

Apesar deste estudo ter apresentado dados consistentes, uma série de limitações precisam ser pontuadas. A princípio, não houve a necessidade de o indivíduo estar em um relacionamento amoroso para participar. As respostas dos participantes solteiros, que idealizaram ou apenas se lembraram de como se relacionam para responder, podem ser um problema para a confiabilidade. Outro aspecto a ser ressaltado é o caráter de autorrelato da pesquisa, bem como a falta de controle durante a coleta dos dados, que podem prejudicar a confiabilidade devido a fatores como desejabilidade social, desatenção ou desinteresse.

Essencialmente, a relação homoafetiva é constituída por duas pessoas do mesmo gênero, independente da orientação sexual. Contudo, este estudo teve como critério se declarar homossexual. Embora haja diferenças na vivência psicossocial da bi e da

homossexualidade, sugere-se que, futuramente, não se faça a inclusão de participantes por orientação sexual e sim por vivência de relacionamentos amorosos predominantemente homossexuais. No mesmo sentido, utilizou-se o critério de autodeclaração para mensurar a homossexualidade do(a) participante. Estudos recentes indicam que medidas de comportamento sexual são mais adequadas para acurar os resultados, aumentando a sensibilidade e precisão dos dados (De Oliveira & Hernandez, 2020). Embora contemple homens e mulheres, cisgêneros e transgêneros, esta pesquisa é recortada à homossexualidade.

Considerações finais

Até onde se sabe, este é o primeiro estudo brasileiro sobre a medida da teoria de John Alan Lee com uma amostra robusta de homens e mulheres homossexuais. Embora seja uma amostra por conveniência, houve uma ampla diversidade entre os participantes e foi constatada invariância da medida para distintos grupos. Além disso, o presente estudo contemplou todos os estados brasileiros, de forma que a maioria das regiões do país foi bem representada ($n > 100$), com exceção do Norte ($n = 63$). A variância total explicada e as evidências de consistência interna superaram o estudo original e outros estudos realizados, sobretudo, no fator Ludus. De maneira geral, a EEA apresentou boas propriedades psicométricas.

Este também foi um dos primeiros estudos a testar o aspecto teórico da circumplexidade dos estilos de amar. Os resultados refutaram parcialmente a divisão de cores da teoria original, mas a reformulação no disco cromático proposta por Cassepp-Borges e Ferrer (2019) foi relativamente acatada. Os estilos se distribuíram graficamente em uma elipse, o que foi articulado teoricamente com a metanálise de Graham (2011), indicando que a EEA é uma medida sensível para capturar os três grandes fatores das medidas de relacionamento amoroso (amor romântico, amizade pragmática e obsessão romântica).

Este estudo contribuiu para evidenciar que os relacionamentos homoafetivos são vivenciados sob um espectro de estilos e comportamentos, em relações que envolvem romance e intimidade e, também, dependência e *gameplaying*. Também contribuiu para a generalização de constructos teóricos sobre o amor, normalmente adaptados com casais heterossexuais, para casais homoafetivos. Isso implica aceitar que não há diferenças estruturais na dinâmica afetiva entre homossexuais e heterossexuais, corroborando

providências legais e jurídicas que assegurem o direito ao casamento e à adoção com base em evidências científicas.

Estudos futuros poderão investigar, por exemplo, se a alta correlação entre Ágape e Mania e as altas médias em Mania e Ludus prevalecem em amostras LGBTQIA+, o antagonismo entre Eros (amor romântico) e Mania (obsessão romântica) e maiores especificidades das relações amorosas entre pessoas não-cisgênero. Estudos longitudinais poderão fornecer evidências de estabilidade da medida e analisar o curso de desenvolvimento dos estilos do amor ao longo dos relacionamentos homoafetivos. Também serão oportunos estudos sobre os impactos da vivência de preconceito e discriminação nas atitudes em um relacionamento, bem como a resiliência de casais homoafetivos para lidar com a discriminação e manter a relação. Estudos psicométricos e psicossociológicos poderão discutir mais descritivamente as diferenças entre os homossexuais que se apropriam dos estigmas e mantêm relações lúdico-eróticas e aqueles que aspiram ao compromisso e intimidade. Dentre muitas outras possibilidades, este é um campo de estudo ainda em desenvolvimento, com um itinerário promissor.

Referências bibliográficas

- Adler, N. L., Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (1986). Male sexual preference and attitudes toward love and sexuality. *Journal of Sex Education and Therapy*, 12(2), 27-30. <https://doi.org/10.1080/01614576.1986.11074876>
- Andrade, A. L. D., & Garcia, A. (2014). Escala de crenças sobre amor romântico: Indicadores de validade e precisão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(1), 63-71. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000100008>
- Andrade, A. L., & Garcia, A. (2009). Atitudes e crenças sobre o amor: Versão brasileira da Escala de Estilos de Amor. *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships*, 3(1), 89-102. <https://doi.org/10.5964/ijpr.v3i1.34>
- Asparouhov, T., & Muthén, B. (2010). *Simple second order chi-square correction. Mplus technical appendix*. Los Angeles: Muthén & Muthén.
- Bento, B. (2012). *O que é transexualidade. 2ª edição*. São Paulo: Brasiliense.
- Brown, T. (2015). *Confirmatory Factor Analysis for Applied Research (2nd Ed)*. Nova York: Guilford Press.
- Brown, T. A. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research*. New York: The Guilford Press.

- Cassepp-Borges, V., & Ferrer, E. (2019). Are We Missing the Circumplexity? An Examination of Love Styles. *Journal of Relationships Research*, 10(21), s-p. doi:10.1017/jrr.2019.13
- Castanho França, M. R. (2020). Homoaffective families. *Revista Brasileira De Psicodrama*, 17(1), 21-33. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S010453932009000100003&script=sci_abstract&tlng=en
- Cheung, G. W., & Rensvold, R. B. (2002). Evaluating Goodness-of-Fit Indexes for Testing Measurement Invariance. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 9(2), 233–255. https://doi.org/10.1207/S15328007SEM0902_5
- Corino, L. C. P. (2006). Homoerotismo na Grécia antiga–homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades. *Biblos*, 19(1), 19-24. Recuperado de: <https://www.seer.furg.br/biblos/article/view/249>
- Damáσιο, B. F. (2013). Contribuições da Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFCMG) na avaliação de invariância de instrumentos psicométricos. *Psico-USF*, 18(2), 211-220. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712013000200005>
- De Oliveira Marques, A., & Hernandez, J. A. E. (2020). Subsídios teóricos para mensuração da sexualidade em pesquisas psicométricas. In: Castilho, D. B. *Cultura e Sociedade*. Paraná: Atena. <https://doi.org/10.22533/at.ed.010201402>
- DiStefano, C., Morgan, G. B. (2014). A Comparison of Diagonal Weighted Least Squares Robust Estimation Techniques for Ordinal Data. *Structural Equation Modeling*, 21(3), 425-438. <https://doi.org/10.1080/10705511.2014.915373>
- Evans-Pritchard, E. E. (1970). Sexual inversion among the Azande. *American Anthropologist*, 72(6), 1428-1434. <https://doi.org/10.1525/aa.1970.72.6.02a00170>
- Ferrando, P. J., & Lorenzo-Seva U. (2018). Assessing the quality and appropriateness of factor solutions and factor score estimates in exploratory item factor analysis. *Educational and Psychological Measurement*, 78(5), 762-780. <https://doi.org/10.1177/0013164417719308>
- Gates, G. J., & Newport, F. (2015). An estimated 780,000 Americans in same-sex marriages. *Gallup Social Issues*. Recuperado de: <http://www.gallup.com/poll/182837/estimated-780-000-americans-sex-marriages.aspx>
- Gates, G. J., & Ost, J. (2004). *The gay & lesbian atlas*. Washington: The Urban InSTITUTE Press. Recuperado de: <https://www.urban.org/research/publication/facts-and-findings-gay-and-lesbian-atlas>
- Giguère, G. (2006). Collecting and analyzing data in multidimensional scaling experiments: A guide for psychologists using SPSS. *Tutorials in Quantitative Methods for Psychology*, 2(1), 27-38. Recuperado de: <https://pdfs.semanticscholar.org/b595/bbc256960f60479f45289b31bc7cf91d71d1.pdf>

- Graham, J. M. (2011). Measuring love in romantic relationships: A meta-analysis. *Journal of Social and Personal Relationships*, 28(6), 748-771. <https://doi.org/10.1177/0265407510389126>
- Graham, J. M., & Christiansen, K. (2009). The reliability of romantic love: A reliability generalization meta-analysis. *Personal Relationships*, 16(1), 49-66. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2009.01209.x>
- Hatfield, E., Bensman, L., & Rapson, R. L. (2012). A brief history of social scientists' attempts to measure passionate love. *Journal of Social and Personal Relationships*, 29(2), 143-164. <https://doi.org/10.1177/0265407511431055>
- Haukoos, J. S., & Lewis, R. J. (2005). Advanced statistics: bootstrapping confidence intervals for statistics with "difficult" distributions. *Academic emergency medicine*, 12(4), 360-365. <https://doi.org/10.1197/j.aem.2004.11.018>
- Hendrick, C., & Hendrick, S. (1986). A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(2), 392-402. Recuperado de: <https://psycnet.apa.org/buy/1986-13421-001>
- Hendrick, C., Hendrick, S. S., & Dicke, A. (1988). The Love Attitudes Scale: Short form. *Journal of Social and Personality Relationships*, 15(2), 147-159. <https://doi.org/10.1177/0265407598152001>
- Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (1995). Gender differences and similarities in sex and love. *Personal Relationships*, 2(1), 55-65. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.1995.tb00077.x>
- Hernandez, J. A. E., & Baylão, V. L. D. A. (2020). Papéis Sexuais, Amor e Satisfação Conjugal em Indivíduos Heterossexuais e Homossexuais. *Psico-USF*, 25(1), 27-38. <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250103>
- Hernandez, J. A. E., Plácido, M. G., de Araujo, A. L., & Neves, F. V. C. (2017). A psicologia do amor: vinte anos de estudos científicos nacionais. *Psicologia Argumento*, 32(2), 131-139. Recuperado de: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20553>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2011). *Censo contabiliza 60 mil casais gays; metade mora no Sudeste*. Recuperado de: <https://ibdfam.org.br/noticias/namidia/4565/Censo+2010+contabiliza+mais+de+60+mil+casais+homossexuais>
- Kurdek, L. A. (1991). Correlates of relationship satisfaction in cohabiting gay and lesbian couples: Integration of contextual, investment, and problem-solving models. *Journal of personality and social psychology*, 61(6), 910. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.61.6.910>
- Kurdek, L. A. (1998). Relationship outcomes and their predictors: Longitudinal evidence from heterosexual married, gay cohabiting, and lesbian cohabiting couples. *Journal of Marriage and the Family*, 60(3), 553-568 <https://doi.org/10.2307/353528>

- Kurdek, L. A. (2006). Differences between partners from heterosexual, gay, and lesbian cohabiting couples. *Journal of Marriage and Family*, 68(2), 509-528. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2006.00268.x>
- Lafontaine, M. F., Gabbay, N., Péloquin, K., Flesch, J. L., & Fitzpatrick, J. (2013). An overview of same-sex couples' love lives. *Integrating Science & Practice*, 3(2), 18-21. Recuperado de: <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.681.1794&rep=rep1&type=pdf>
- Lasswell, T. E. & Lasswell, M. E. (1976). I love you but I'm not in love with you. *Journal of Marriage and the Family*, 2(3), 211-224. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.1976.tb00413.x>
- Lee, D. J. A. (1976). Forbidden colors of love: Patterns of gay love and gay liberation. *Journal of Homosexuality*, 1(4), 401-418. https://doi.org/10.1300/J082v01n04_04
- Lee, J. A. (1973). *Colours of love: An exploration of the ways of loving*. Toronto: New Press.
- Lee, J. A. (1977). A typology of styles of loving. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 3(2), 173-182. <https://doi.org/10.1177/014616727700300204>
- Lee, J. A. (1977b). Going public: A study in the sociology of homosexual liberation. *Journal of homosexuality*, 3(1), 49-78. https://doi.org/10.1300/J082v03n01_05
- Lee, J. A. (1979). The gay connection. *Urban Life*, 8(2), 175-198. <https://doi.org/10.1177/089124167900800204>
- Lee, J. A. (1987). What can homosexual aging studies contribute to theories of aging? *Journal of Homosexuality*, 13(4), 43-71. https://doi.org/10.1300/J082v13n04_03
- Lee, J. A. (1989). Invisible men: Canada's aging homosexuals. Can they be assimilated into Canada's "liberated" gay communities? *Canadian Journal on Aging/La Revue canadienne du vieillissement*, 8(1), 79-97. <https://doi:10.1017/S0714980800011211>
- Li, C. H. (2016). Confirmatory factor analysis with ordinal data: Comparing robust maximum likelihood and diagonally weighted least squares. *Behavioral Research Methods*, 48(3), 936-49. <https://doi:10.3758/s13428-015-0619-7>
- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P. J. (2019). Robust Promin: a method for diagonally weighted factor rotation. *LIBERABIT. Revista Peruana de Psicología*, 25(1), 99-106. <https://doi.org/10.24265/liberabit.2019>
- Mosmann, C. P., Lomando, E., & Wagner, A. (2010). Coesão e adaptabilidade conjugal em homens e mulheres hetero e homossexuais. *Barbaroi*, 33(2), 135-152. <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i0.1644>
- Nascimento, G. C. M., & Scorsolini-Comin, F. (2019). Homossexualidade e família de origem: a perspectiva de homossexuais masculinos. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, 6(4), 735-745. <https://doi.org/10.18554/refacs.v6i4.3288>

- Nascimento, G. C. M., Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., & dos Santos, M. A. (2015). Relacionamentos amorosos e homossexualidade: Revisão integrativa da literatura. *Temas em Psicologia*, 23(3), 547-563. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-03>
- Neto F. (1993). Love styles and self-representations. *Personality and Individual Differences*, 14(6), 795–803. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(93\)90092-H](https://doi.org/10.1016/0191-8869(93)90092-H)
- Neto F. (1998). Atitudes em relação ao amor. *Psicologia, Educação e Cultura*, 2(1), 263–279. Recuperado de: https://www.fpce.up.pt/docentes/felix_netto/artigos.htm
- Neto F. (2002). Colors associated with styles of love. *Perceptual and Motor Skills*, 94(3_suppl), 1303-1310. <https://doi.org/10.2466/pms.2002.94.3c.1303>
- Peplau, L. A., & Fingerhut, A. W. (2007). The close relationships of lesbians and gay men. *Annu. Rev. Psychol.*, 58(1), 405-424. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.58.110405.085701>
- Raykov, T. (1997). Estimation of composite reliability for congeneric measures. *Applied Psychological Measurement*, 21(2), 173-184. <https://doi.org/10.1177/01466216970212006>
- Reckase, M. D. (1985). The difficulty of test items that measure more than one ability. *Applied Psychological Measurement*, 9(4), 401-412. <https://doi.org/10.1177/014662168500900409>
- Rodríguez-Santero, J., García-Carpintero, M. A., & Porcel Gálvez, A. M. (2017). Los estilos de amor en estudiantes universitarios. Diferencias en función del sexo-género. *Revista Internacional de Sociología*, 75(3), s-p. <https://doi.org/10.3989/ris.2017.75.3.15.171>
- Rotzien, A., Vacha-Haase, T., Murthy, K., Davenport, D., & Thompson, B. (1994). A confirmatory factor analysis of the Hendrick-Hendrick love attitudes scale: We may not yet have an acceptable model. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 1(4), 360–374. <https://doi.org/10.1080/10705519409539985>
- Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 16(2), 265-73. <https://doi.org/10.1037/h0029841>
- Schlösser, A., & Camargo, B. V. (2014). Contribuições de pesquisas brasileiras sobre o amor e relacionamentos amorosos. *Temas em Psicologia*, 22(4), 795-808. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2014.4-10>
- Sprecher, S., Aron, A., Hatfield, E., Cortese, A., Potapova, E., & Levitskaya, A. (1994). Love: American style, Russian style, and Japanese style. *Personal Relationships*, 1(4), 349-369. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.1994.tb00070.x>
- Sternberg, R. J. (2006). A duplex theory of love. In: R. J. Sternberg & K. Weis (Eds.), *The New Psychology of Love* (pp. 184-199). New Haven: Yale University Press
- Thompson, B., & Borrello, G. M. (1987). Concurrent validity of a love relationships scale. *Educational and Psychological Measurement*, 47(4), 985-995. <https://doi.org/10.1177/0013164487474014>

- Troiden, D. R. R. (1989). The formation of homosexual identities. *Journal of homosexuality*, 17(1-2), 43-74. https://doi.org/10.1300/J082v17n01_02
- Timmerman, M. E., & Lorenzo-Seva, U. (2011). Dimensionality Assessment of Ordered Polytomous Items with Parallel Analysis. *Psychological Methods*, 16(2), 209-220. <https://doi.org/10.1037/a0023353>
- Yang Y., & Liu A. (2007). Reliability and validity of the Chinese Love Attitude Scale. *Asian Social Science*, 3(8), 41-44: Recuperado de: https://www.researchgate.net/publication/41846600_Reliability_and_Validity_of_the_Chinese_Love_Attitude_Scale
- Zamora, R., Winterowd, C., Koch, J., & Roring, S. (2013). The relationship between love styles and romantic attachment styles in gay men. *Journal of LGBT Issues in Counseling*, 7(3), 200-217. <https://doi.org/10.1080/15538605.2013.812927>

5. Estudo 2

Evidências psicométricas da Escala Triangular do Amor Reduzida (ETAS-R) para homossexuais brasileiros(as)

Resumo

A Teoria Triangular do Amor do psicólogo Robert Sternberg compreende e caracteriza os relacionamentos amorosos a partir de três componentes: decisão/compromisso, intimidade e paixão. Este artigo tem o objetivo de apresentar propriedades psicométricas da Escala Triangular do Amor Reduzida (ETAS-R) para uma amostra de 1.380 homossexuais brasileiros(as) (966 homens). Diferentes modelos foram testados a partir de análises exploratórias e confirmatórias e o modelo teórico original de três fatores apresentou os melhores índices de ajuste, embora a retenção fatorial e os índices de unidimensionalidade da medida tenham indicado um fator geral de segunda ordem. As evidências apresentadas acrescentam à discussão em curso sobre a estrutura fatorial e teórica da medida e inserem os relacionamentos homoafetivos no campo de pesquisa do amor na psicologia científica de maneira mais robusta. Em geral, os resultados apresentaram similaridades com dados analisados em outros estudos com amostras de heterossexuais, permitindo generalizar o constructo teórico sobre o amor de Sternberg para homossexuais.

Introdução

Grande parte das interações humanas e da compreensão de mundo e identidade centram-se nos relacionamentos amorosos (Sternberg, 2006). O amor é considerado um sentimento complexo, permeado de características cognitivas, emocionais e comportamentais (Merino & Privado, 2020; Hatfield & Sprecher, 1986), que se manifesta nos relacionamentos amorosos através de diferentes estilos sob influência do contexto sociocultural (Lee, 1973, 1976). É considerado um fenômeno primitivo (Hatfield, 1988), observado inclusive em primatas não-humanos (Rosenblum, 1985), mas, por muito tempo, considerou-se o tema demasiadamente subjetivo para ser submetido ao método científico, delegando-se o papel de definir e descrever o amor a poetas e artistas (Berscheid, 1988). Teorias científicas sobre o amor começaram a surgir na década de 1960 e, desde então, outros estudos foram propostos (Fehr, 2013; Sternberg, 2006).

Zick Rubin (1970) foi o primeiro a abordar o amor na área da psicologia social, destacando a diferença entre o amar e o gostar, entende o amor como uma atitude relacionada a outra pessoa, que predispõe o pensar, o sentir e o agir. Walster e Walster (1978) e Hatfield e Walster (1983) diferenciaram o amor-companheiro, ameno e fincado na amizade, e o amor-apaixonado, caracterizado como um estado de paixão e sentimentos ambíguos, como alegria e dor. Atualmente, dois dos sistemas teóricos sobre o amor mais influentes e

pesquisados são a Teoria Triangular do Amor de Robert Sternberg (1986, 1988) e a Teoria das Cores Amor de John Allan Lee (1973).

No Brasil, Hernandez e colaboradores (2017) revisaram vinte anos de estudos científicos sobre o amor, observando que houve crescimento expressivo da pesquisa da temática nos últimos anos, porém, ainda com atraso em relação aos estudos internacionais. Dentre os estudos, a revisão teórica de Reis (1991) foi pioneira nas produções sobre o tema no país, Féres-Carneiro (1997) investigou o processo de escolha amorosa em homens e mulheres heterossexuais e homossexuais, Hernandez e Roveda (1998) abordaram a relação entre autoestima e amor, Hernandez e Oliveira (2003) focaram nos componentes do amor e a satisfação conjugal e Carpenedo e Kooler (2004) discutiram que o ambiente sociocultural provoca mudanças nas dinâmicas de casal.

Schlösser e Camargo (2014) também destacaram contribuições da psicologia brasileira para os estudos do amor e dos relacionamentos amorosos, ressaltando-se estudos sobre satisfação conjugal (Wachelke et al., 2004), sobre os relacionamentos amorosos via internet (Dela Coleta, Dela Coleta, & Guimarães, 2008), sobre as habilidades sociais em relacionamentos amorosos (Villa, Del Prette, & Del Prette, 2007) e sobre o amor enquanto uma representação social (Martins-Silva, Trindas, & Silva Junior, 2013; De Andrade & Wachelke, 2011). Nesse sentido, ressaltam-se os estudos do amor como análises pertinentes e necessárias à compreensão dos relacionamentos humanos.

A Teoria Triangular do Amor

A Teoria Triangular do Amor de Robert Sternberg (1986, 1988) é um importante marco nos estudos do amor e dos relacionamentos amorosos sob a ótica científica. Na teoria, define-se o amor pleno como um conjunto de três componentes (Decisão/Compromisso + Intimidade + Paixão), que são representados pelos vértices de um triângulo e idealizadamente equivalentes em tamanho e proporção. Sternberg objetivava compreender e caracterizar os relacionamentos amorosos a partir de sua proposta, utilizando conceitos teóricos da psicometria de Spearman, Thomson e Thurstone (Sternberg, 1986).

A Decisão/Compromisso caracteriza-se pela certeza de amar e ser amado e o desejo de manter a relação a curto e longo prazo; diz respeito à capacidade de dar suporte, expressões do amor, fidelidade, expressões de compromisso e devoção. A Intimidade se constitui pelo sentimento de conexão e proximidade no relacionamento e é composta pelos subelementos abertura, sexo, afetividade, capacidade de apoiar e companhia silenciosa. Já a Paixão é o que dá margens à atração física e sexual, sendo um componente fortemente

associado ao fisiológico e integrado pelo romantismo e pelo sexo (Hernandez, 2017; Cassepp-Borges & Pasquali, 2012; Sternberg, 2006).

O amor romântico pode ser definido pela junção dos componentes Intimidade e Paixão, como Romeu e Julieta, que, apesar da forte ligação, não vislumbra a possibilidade de estabelecer o vértice do Compromisso. O amor companheiro é a combinação das dimensões Intimidade e Compromisso, o que mantém casais unidos mesmo após o término da atração física e sexual. Já as dimensões Paixão e Decisão em conjunto dão origem ao amor à primeira vista, ou amor fatual. Em um triângulo composto pelos três vértices, dá-se o amor pleno (Sternberg, 1986, 2006). Os arranjos compostos por, pelo menos, dois vértices do triângulo constituem formas mais intensas de amar e cada sujeito possui o seu próprio triângulo em um relacionamento amoroso, assim como o triângulo de cada sujeito se modifica com o tempo.

Buscando sustentação empírica para a teoria, foi proposta e desenvolvida uma escala psicométrica abrangendo os componentes teóricos do triângulo de Sternberg (Sternberg, 1997). A Escala Triangular do Amor de Sternberg (ETAS) possui 45 itens, sendo 15 para cada um dos vértices. Em geral, os pesquisadores que utilizaram a ETAS apontaram problemas relacionados à análise fatorial, com itens saturados em fatores aos quais teoricamente não pertencem e altas correlações entre os fatores. A construção da medida contou com 2 estudos, ambos somando pouco menos que 200 adultos norte-americanos, igualmente divididos entre homens e mulheres heterossexuais. A análise fatorial indicou as 3 primeiras variáveis representando 57% da variância comum dos dados e a consistência interna geral foi 0,95 (Sternberg, 1997).

Desde os primeiros estudos com a escala (Hendrick & Hendrick, 1989; Chojnacki, & Walsh, 1990; Acker, & Davis, 1992; Whitley, 1993; Carreño, & Serrano, 1995), questiona-se se os três fatores correlacionados não seriam melhor representados por um modelo de segunda ordem, em que o fator geral “Amor” explica a covariância comum das variáveis latentes (Paixão, Compromisso e Intimidade), haja vista a alta correlação entre os fatores, variando de 0,69 a 0,81 (Merino & Privado, 2020; Graham & Christiansen, 2008). Em meta-análise, Graham e Christiansen (2008) propõem que, apesar do modelo tridimensional de Sternberg ser pertinente, a alta correlação entre os fatores sugere que eles podem não ser diferentes entre si. Recentemente, Merino e Privado (2020) compararam modelos fatoriais para a ETAS, indicando que a estrutura de segunda ordem apresentou propriedades mais satisfatórias, incluindo índices de ajuste e correlação entre os fatores.

Em uma reformulação estrutural do modelo de Sternberg (1986), Yela (1996) propõe uma estrutura tetrafatorial, em que a variável Paixão se divide em Erótica e Romântica. A autora propôs uma escala de 60 itens mensurando os 4 fatores e encontrou bons índices psicométricos, com consistência interna variando de 0,77 a 0,95. Em seguida, reduziu o número de itens para 20 e encontrou resultados semelhantes (Yela, 2006). O modelo tetrafatorial resolveu parcialmente os problemas de alta correlação entre as variáveis latentes, apresentando menores correlações entre elas. Dessa forma, corroborou-se que o modelo mensura variáveis latentes relativamente independentes, como a teoria de Sternberg (1986) sugere.

No Brasil, a ETAS foi adaptada pela primeira vez por Hernandez (1999) e posteriormente por Cassepp-Borges e Theodoro (2007), Cassepp-Borges e Pasquali (2012) e Hernandez (2016). Tais pesquisas encontraram uma estrutura fatorial de três fatores e índices de confiabilidade satisfatórios, mas demarcaram os mesmos problemas encontrados pelos demais pesquisadores, reconhecendo a provável existência de um fator geral. Para tentar solucionar alguns destes problemas, versões reduzidas (ETAS-R) foram validadas internacionalmente (Overbeek et al., 2007; Acker & Davis, 1992; Lemieux & Hale, 2000) e no Brasil (Hernandez, 2016; Cassepp-Borges & Pasquali, 2014; Andrade, Garcia, & Cassepp-Borges, 2013; Gouveia, Fonseca, Cavalcanti, Diniz, & Dória, 2009; Cassepp-Borges & Theodoro, 2007).

Relacionamentos homoafetivos

O relacionamento amoroso entre pessoas do mesmo sexo e/ou gênero é relatado desde as sociedades mais primitivas em todas as culturas, como a Grécia-Antiga (Corino, 2006), a África (Evans-Pritchard, 1970), a China (Hinsch, 1990), os países do Oriente Médio (Zahed, 2019) e a Oceania (Herdt, 1993). Ao longo dos séculos, tais arranjos afetivos foram depositários de explicações baseadas nos paradigmas morais vigentes em cada período, positivos e negativos, sendo considerados por muito tempo como pecado e crime (Pretes & Vianna, 2007), outrora vistos sob uma ótica de promiscuidade e descompromisso (Toledo & Teixeira Filho, 2012; Peplau & Fingerhut, 2007; Lee, 1976).

De Oliveira e Hernandez (2020) sublinham a necessidade de identificar adequadamente a variável latente de pesquisa em metodologias que tratem da sexualidade. Nesse sentido, de acordo com o dicionário online da Associação de Psicologia Americana, a homossexualidade é uma orientação sexual e se caracteriza como uma duradoura atração emocional, romântica, sexual ou afetiva por indivíduos do mesmo sexo, sugerindo-se o uso

do termo ‘orientação sexual do mesmo sexo’ (*‘same-sex sexual orientation’*) (<https://dictionary.apa.org/homosexuality>). Contudo, definir a homossexualidade com foco apenas nos relacionamentos amorosos não sustenta a multiplicidade de variáveis que envolvem ser homossexual, que se expressam também por meio de pensamentos, fantasias, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e outros, envolvendo a noção de identidade (Troiden, 1989). Além do mais, é importante compreender que relacionamentos homoafetivos podem acontecer entre pessoas transgênero (Bento, 2012). Dessa maneira, o termo *‘same-sex sexual orientation’* se mostra inadequado, não contemplando a relação homoafetiva entre um homem transgênero e um homem cisgênero, por exemplo.

Para refinar a semântica utilizada nesta pesquisa, utiliza-se o termo ‘homossexual’ (masculino e/ou feminino) para descrever uma orientação complexa e dinâmica de sexualidade, e o termo jurídico ‘relacionamento homoafetivo’ para expandir a definição dessas relações para além dos estigmas atrelados à promiscuidade e vulgaridade (Castanho França, 2020). Ainda, os termos sexo e gênero não são empregados como sinônimos. Sexo refere-se ao aspecto biológico (homem, mulher ou intersexo) e gênero à identificação social, separando-se nos termos guarda-chuva cisgênero (identificação com o gênero que lhe foi atribuído em relação ao sexo) e transgênero (divergência com o gênero atribuído) (Bento, 2012).

No Brasil, não há uma fonte que forneça dados sistemáticos sobre a prevalência de casais homoafetivos. Apesar de ser difícil estimar, conforme pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística há 10 anos, havia cerca de 60 mil casais constituídos por pessoas do mesmo gênero no Brasil (IBGE, 2011). Devido à subnotificação, há uma grande probabilidade desse número já ser maior à época. Nos Estados Unidos, estima-se que há mais de 1 milhão de casais homoafetivos (Gates & Newport, 2015). Ainda assim, o campo de estudos dos relacionamentos homoafetivos é escasso (Peplau & Fingerhut, 2007).

Pesquisas internacionais destacam altas taxas de satisfação conjugal entre os casais homoafetivos, com robustas semelhanças entre homens e mulheres (Lafontaine et al., 2013; Kurdek, 1991). Por outro lado, apontam que as relações podem vir a terminar com mais frequência (Kurdek, 1998). Nas poucas pesquisas brasileiras sobre o amor com participantes homossexuais, há prevalência de estudos teóricos e adoção de métodos qualitativos, distribuídos em estudos sobre o casamento, a parentalidade, as políticas públicas e os aspectos culturais envolvidos (Nascimento, Scorsolini-Comim, Fontaine, & dos Santos,

2015). Notadamente, na psicologia do amor (Hernandez et al., 2017; Hatfield, Bensman, & Rapson, 2012; Sternberg, 2006), que utiliza primordialmente método quantitativo desde a década de 1970 (Rubin, 1970), foram singelos os esforços ao longo do tempo no sentido de incluir homossexuais nos estudos.

Em relação aos estudos psicométricos com a ETAS e a ETAS-R, a maioria contemplou amostras de heterossexuais. Alguns estudos com participantes homossexuais indicaram bom ajuste da estrutura de três fatores correlacionados, tendo resultados equivalentes aos estudos com heterossexuais (Bauermeister et al., 2011; Hernandez & Baylão, 2020). Neste sentido, este artigo tem como objetivo apresentar evidências de validade e fidedignidade para a Escala Triangular do Amor Reduzida (ETAS-R) (Andrade, Garcia, & Cassepp-Borges, 2013) em uma amostra brasileira de homossexuais masculinos e femininos, auxiliando a discussão sobre a estrutura fatorial da medida. Além disso, espera-se inserir os relacionamentos amorosos homoafetivos no campo de pesquisa da teoria do amor de Sternberg de maneira mais robusta.

Método

Participantes

Participaram desta pesquisa 1.380 homossexuais, sendo 966 do sexo masculino (69,9%) e 414 (30,0%) do sexo feminino, com idades entre 18 e 68 anos ($M= 28,39$; $DP= 8,401$). O total de participantes contemplou todos os estados do território nacional brasileiro, com níveis de escolaridade variando de ensino fundamental incompleto (5%) à pós-graduação (30%). Os participantes foram majoritariamente cisgêneros ($n= 1294$), mas houve participantes transgêneros ($n= 28$) e identificados como gênero não-binário/outros ($n= 58$). Independente do sexo ou gênero, o critério básico para participação na pesquisa foi se autodeclarar homossexual (“sentir atração sexual, afetiva e/ou romântica por pessoas do mesmo gênero”). Considerações sobre esse aspecto são feitas na seção de discussão.

Instrumentos

Foi aplicado um questionário elaborado pelos pesquisadores contendo dados sociodemográficos (sexo, gênero, escolaridade, profissão, região etc.). Isto é, dados relativos à vivência de experiências amorosas e dados relativos à vivência da homossexualidade, como reação da família (receptiva ou repressora) e vivência de preconceito e discriminação.

A Escala Triangular do Amor de Sternberg Reduzida – ETAS-R (Sternberg, 1997; Andrade, Garcia, & Cassepp-Borges, 2013) também foi aplicada. Constituída de 16 itens, propõe-se a avaliar os componentes do amor com base na sistematização teórica de Sternberg, avaliando decisão, intimidade e compromisso. Os itens, como por exemplo “Tenho uma relação afetuosa com meu companheiro(a)”, são distribuídos seguindo uma escala *Likert* de 5 pontos, variando de “discordo fortemente” (1) até “concordo fortemente” (5). Aos participantes em um relacionamento, orientou-se a imaginar o parceiro(a) para responder às escalas, enquanto recomendou-se aos solteiros que respondessem aos itens pensando no último relacionamento que vivenciaram.

Procedimentos e processos éticos

O presente estudo recebeu parecer positivo na Plataforma Brasil, nº 4.084.090 (Comitê de Ética do IPUB/UFRJ). No Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, todos os participantes foram informados sobre os objetivos e o conteúdo da pesquisa, além de orientados quanto ao caráter voluntário da participação e garantia do anonimato e sigilo. A coleta de dados foi realizada através do preenchimento de um questionário *online* (Google Forms) com tempo aproximado de duração de 20 (vinte) minutos, entre os meses de novembro e dezembro de 2020.

Análise de dados

O procedimento de análise de dados foi realizado com auxílio dos *softwares* *Factor* e *JASP*. Realizou-se Análise Fatorial Exploratória (AFE) utilizando o *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS) com o objetivo de observar a estrutura fatorial da ETAS-R (Asparouhov & Muthen, 2010). A decisão sobre o número de fatores a ser retido foi realizada por meio da técnica de Análise Paralela (AP) (Timmerman & Lorenzo-Seva, 2011) e do Método Hull (Lorenzo-Seva, Timmerman, & Kiers, 2011) e a rotação utilizada foi a *Robust Promin* (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2019).

Para maior confiabilidade dos resultados, para corrigir desvios de normalidade e diferenças entre os tamanhos dos grupos, foram realizados procedimentos de *bootstrapping* (1000 re-amostragens; 95% IC BCa) (Haukoos & Lewis, 2005). A plausibilidade do modelo unidimensional foi avaliada a partir dos índices UniCo, ECV e MIREAL. Valores de UniCo > 0,95, de ECV > 0,85 e de MIREAL < 0,300 sugerem que os dados podem ser tratados essencialmente como unidimensionais (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018). A estabilidade dos fatores foi avaliada por meio do índice *H* (Ferrando & Lorenzo-

Seva, 2018). Variando de 0 a 1, valores altos de H ($> 0,80$) sugerem uma variável latente bem definida, com maiores chances de replicabilidade. Também, os parâmetros de discriminação e os *thresholds* dos itens foram avaliados por meio de Teoria de Resposta ao Item (Reckase, 1985).

Foram realizadas Análises Fatoriais Confirmatórias (AFC) com o objetivo de avaliar a plausibilidade dos modelos unidimensional, tridimensional e um modelo de segunda ordem no qual o fator geral “Amor” explica os três fatores subjacentes. Em seguida, foi realizada uma Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFCMG) para investigar a invariância da escala para homens e mulheres, de diferentes estados civis e regiões do Brasil. As análises foram implementadas utilizando o método de estimação RDWLS, adequado para dados categóricos-ordinais (DiStefano & Morgan, 2014; Li, 2016). A AFCMG considerou os modelos configural, métrico e escalar, utilizando o teste de diferença do CFI (*Comparative Fit Index*), em que $\Delta CFI > 0,01$ indica que a invariância da medida não pode ser acatada (Cheung & Rensvold, 2002; Damásio, 2013).

Os índices de ajuste analisados foram: χ^2 ; χ^2/gl ; *Comparative Fit Index* (CFI); *Tucker-Lewis Index* (TLI); *Standardized Root Mean Residual* (SRMR) e *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA). Valores de χ^2 não devem ser significativos; a razão χ^2/gl deve ser \leq que 5 ou, preferencialmente, \leq que 3. Valores de CFI e TLI devem ser \geq que 0,90 e, preferencialmente acima de 0,95; e valores de RMSEA devem ser \leq que 0,08 ou, preferencialmente \leq que 0,06, com intervalo de confiança (limite superior) \leq 0,10 (Brown, 2006). Por fim, foram realizados cálculos de confiabilidade composta geral e dos fatores para cada modelo (Raykov, 1997).

Resultados

A amostra desta pesquisa mostrou-se amplamente diversa e heterogênea, como pode ser observado na Tabela 1. A maioria das regiões do Brasil foram representadas com significativa robustez. Em relação aos estados, Rio de Janeiro ($n= 311$), São Paulo ($n= 289$) e Minas Gerais ($n= 162$) foram mais frequentes, em contraste com Roraima ($n = 1$), Acre ($n= 2$), Rondônia ($n= 4$) e Tocantins ($n= 5$), com poucos participantes contemplando a região Norte ($n= 63$).

Evidências de estrutura interna

Os testes de esfericidade de Bartlett (7458,1, $gl = 120$, $p < 0.000010$) e KMO (0.89264) sugeriram interpretabilidade da matriz de correlação dos itens. A Análise Paralela

(IC 95%) reteve 1 fator. Para as três primeiras variáveis, as variâncias explicadas dos dados empíricos foram 49,3478; 11,6526 e 8,7253, respectivamente; e para os dados aleatórios foram 14,5891; 13,0994 e 11,8177. O método Hull (Lorenzo-Seva, Timmerman, & Kiers, 2011), através do índice de ajuste *Robust CFI*, também sugeriu a extração de 1 fator. Além disso, os resultados dos índices de avaliação de plausibilidade de uma estrutura unidimensional UniCo = 0,958 (95%IC]0,957 – 0,978]) e MIREAL = 0,284 (95%IC]0,261 – 0,306]) sugeriram que os dados poderiam ser tratados como unidimensionais.

Tabela 1. Características sociodemográficas da amostra

		Estado civil			Total
		Solteiro(a)	Namorando	Casado(a)/ União estável	
Sexo	Masculino	545	234	187	966
	Feminino	160	142	112	414
Gênero	Cisgênero	653	349	292	1294
	Transgênero/transsexual	18	7	3	28
	Não-binário	34	20	4	58
Década de nascimento	1950-1959	1	0	2	3
	1960-1969	17	5	11	33
	1970-1979	31	15	42	88
	1980-1989	138	66	116	320
	1990-1999	380	228	125	733
	2000-2002	138	62	3	203
Região	Norte	32	19	12	63
	Nordeste	136	76	54	266
	Centro-Oeste	43	35	24	102
	Sudeste	411	211	167	789
	Sul	83	35	42	160
Raça/etnia	Branco(a)	374	222	178	774
	Preto(a)	113	43	33	189
	Pardo(a)	205	101	82	388
	Outra	13	10	6	29
Escolaridade	Fundamental incompleto	6	2	0	8
	Fundamental completo	5	0	0	5
	Médio incompleto	33	11	2	46
	Médio completo	90	45	25	160
	Superior incompleto	255	142	55	452
	Superior completo	142	85	73	300
	Pós-graduação lato sensu	94	51	69	214
	Mestrado ou doutorado	74	39	66	179
Pós-doutorado/Phd	6	1	9	16	

Na AFE, todos os índices de ajuste do modelo unidimensional foram acatados (CFI = 0,937; TLI = 0,928; RMSEA = 0,0112). Os dados apresentaram bons índices de

replicabilidade (H-Latent e H-Observed), assim como de consistência interna e confiabilidade composta (Ver Tabela 2).

Tabela 2. Estrutura fatorial da ETAS-R com matriz unifatorial

Itens	Fator Geral
12-Tenho uma relação afetuosa com meu companheiro(a)	0,804
14-Eu gosto muito do contato físico com meu companheiro(a)	0,803
5-Estou determinado a manter minha relação com meu companheiro(a)	0,800
15-Eu acho meu companheiro(a) muito atraente	0,763
4-Estou seguro do meu amor por meu companheiro(a)	0,726
10-Eu recebo muito apoio emocional de meu companheiro(a)	0,679
11-Eu dou muito apoio emocional ao meu companheiro(a)	0,679
17-Me pego pensando em meu companheiro(a) várias vezes durante o dia	0,646
8-Eu sinto que eu realmente entendo meu companheiro(a)	0,621
13-Eu tenho fantasias com meu companheiro(a)	0,617
6-Não deixaria que nada interferisse no meu compromisso com meu companheiro(a)	0,602
9-Eu promovo ativamente o bem-estar de meu companheiro	0,572
3-Meu companheiro (a) pode contar comigo quando precisar	0,568
16-Só em olhar para meu companheiro(a), fico excitado(a)	0,564
1-Espero que meu amor por meu companheiro(a) dure pelo resto da vida	0,560
2-Não deixaria nada atrapalhar meu compromisso com meu companheiro(a)	0,508
Variância comum (%)	47,1%
Confiabilidade Composta	0,925
Ω	0,917
α	0,916
H-Latent	0,935
H-Observed	0,911

*As cargas fatoriais apresentadas referem-se ao IC 95% BCa: Ω : ômega de McDonalds; α : alfa de Cronbach

Os itens mais discriminativos do modelo de fator único foram os itens ‘Tenho uma relação afetuosa com meu companheiro (a)’ ($a = 1.350$) e ‘Eu gosto muito do contato físico com meu companheiro (a)’ ($a = 1.350$), seguido do item ‘Estou determinado a manter minha relação com meu companheiro(a)’ ($a = 1.334$). Em relação aos *thresholds* dos itens, não foi encontrado nenhum padrão inesperado de resposta, ou seja, conforme cresceu a categoria de resposta da escala, cresceu também o nível de traço latente necessário para assegurá-la.

Realizou-se AFC para comparar os modelos unidimensional, tridimensional e um modelo de segunda ordem em que o fator geral (“Amor”) explica os três fatores subjacentes. Embora os resultados do χ^2 tenham sido estatisticamente significativos, esse é um índice sensível ao tamanho da amostra, raramente acatado. A razão χ^2/gl de todos os modelos, por outro lado, foi satisfatória (<3), sugerindo aplicabilidade. Os melhores índices de ajuste foram obtidos no modelo tridimensional, mas a correlação entre os fatores Decisão e Intimidade foi elevada (0,779), bem como entre os fatores Decisão e Paixão (0,608) e Intimidade e Paixão (0,603). A comparação entre os índices de ajuste dos diferentes modelos pode ser visualizada na Tabela 3.

Tabela 3. Índices de ajuste dos diferentes modelos testados

	χ^2 (gl)	χ^2/gl	CFI	TLI	SRMR	RMSEA
Modelo unidimensional	395,643 (104)	3,804	0,955	0,948	0,088	0,065
Modelo tridimensional	148,010 (101)	1,465	0,993	0,991	0,049	0,026
Modelo de segunda ordem	282,058 (101)	2,792	0,986	0,983	0,048	0,036

Nota: χ^2 = qui-quadrado; gl = graus de liberdade.

Depois do modelo tridimensional, o modelo de segunda ordem apresentou os melhores índices de ajuste, bem como altas cargas fatoriais dos fatores subjacentes no fator geral (Decisão= 0,863; Intimidade= 0,848; Paixão= 0,685). Em relação ao fator geral (Amor), Decisão apresentou variância comum de 25,5%, Intimidade de 28,8% e Paixão de 53,0%. Em relação aos resíduos no modelo de segunda-ordem, os índices ficaram na média de 50%. O modelo unifatorial deixa 62% da variância residual não explicada, enquanto o modelo tridimensional diminui para 32%.

Os resultados da Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFMG), realizada com o modelo unifatorial, acataram à invariância configural (equivalência de número de fatores e itens por fator, sem considerar a carga fatorial), métrica (equivalência de cargas fatoriais entre os grupos) e escalar (equivalência de thresholds entre os grupos), demonstrando que a ETAS-R é uma medida equivalente para homens e mulheres, de diferentes estados civis e regiões do Brasil (Tabela 4). Na comparação dos modelos da AFCMG, a diferença entre os valores de RMSEA não deve ser $> 0,005$, entre valores de SMRS $> 0,025 - 0,030$ e ΔCFI não deve ser $> 0,01$ (Cheung & Rensvold, 2002).

Tabela 4. Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFMG) para ETAS-R

Região	RMSEA (90% IC)	SRMR	TLI	CFI	Δ CFI
Invariância Configural	0,000 (0,000 – 0,000)	0,057	1,005	1,000	-
Invariância Métrica	0,005 (0,000 – 0,020)	0,063	1,000	1,000	0,000
Invariância Escalar	0,000 (0,000 – 0,016)	0,060	1,001	1,000	0,000
Sexo					
Invariância Configural	0,029 (0,023 – 0,035)	0,051	0,989	0,991	-
Invariância Métrica	0,031 (0,025 – 0,037)	0,054	0,987	0,989	0,002
Invariância Escalar	0,031 (0,025 – 0,036)	0,052	0,987	0,988	0,001
Estado civil					
Invariância Configural	0,021 (0,010 – 0,028)	0,055	0,994	0,995	-
Invariância Métrica	0,030 (0,024 – 0,036)	0,062	0,987	0,988	0,007
Invariância Escalar	0,031 (0,025 – 0,037)	0,060	0,986	0,986	0,002

Os índices de consistência do modelo unifatorial foram satisfatórios, com confiabilidade composta de 0,95, $\Omega = 0,917$ e $\alpha = 0,916$. Contudo, sabe-se que essa é uma medida sensível ao número de itens. O modelo tridimensional apresentou confiabilidades compostas de 0,868, 0,876 e 0,906 para os fatores, e $\Omega = 0,894$ e $\alpha = 0,893$ para a escala geral. Por fim, apesar da sensibilidade do número de itens, o modelo de segunda ordem apresentou confiabilidade composta de 0,861, levando em consideração as cargas fatoriais das três variáveis de primeira ordem na variável geral.

Discussão

Os objetivos desta pesquisa foram apresentar evidências de validade e fidedignidade para a Escala Triangular do Amor Reduzida (ETAS-R) em uma amostra brasileira de homossexuais, auxiliando a discussão sobre a estrutura fatorial mais adequada para a medida, e inserir os relacionamentos amorosos homoafetivos no campo de pesquisa da Teoria do Amor de Sternberg de maneira mais robusta. Nesse sentido, organizaram-se 2 seções de discussão.

Estrutura interna e confiabilidade

Nesta pesquisa, a retenção dos fatores através da Análise Paralela e Método Hull indicou uma estrutura unifatorial para os dados, se diferenciando do modelo teórico de Sternberg de três fatores (1986, 1997) e se aproximando de pesquisas que indicam a pertinência de um constructo geral (Merino & Privado, 2020; Graham & Christiansen,

2009). No mesmo sentido, os índices de plausibilidade de unidimensionalidade da medida indicaram fortemente que os dados podem ser tratados como unidimensionais.

Além disso, as correlações entre os fatores nos modelos trifatorial e de segunda ordem foram elevadas, variando de 0,60 a 0,90, sobretudo entre os fatores Decisão e Intimidade. Esses resultados são parecidos com os de outros estudos e dos estudos originais, nos quais Decisão e Intimidade tiveram correlação na faixa de 0,90 (Sternberg, 2006). Gouveia e colaboradores (2009) discutem que o próprio Sternberg sugere a existência de um fator geral ao citar a consistência interna dos dados gerais. Cassepp-Borges e Pasquali (2012) também discorrem que é esperado a sobrecarga de alguns itens em mais de um fator, uma vez que esses são altamente intercorrelacionados.

A Análise Paralela (AP) (Timmerman & Lorenzo-Seva, 2011) e o Método Hull (Lorenzo-Seva, Timmerman, & Kiers, 2011) são alguns dos métodos de estimação mais robustos e ambos indicaram a plausibilidade da estrutura unifatorial. Apesar disso, a análise de covariância residual não explicada indicou que o modelo tridimensional teve os menores índices de resíduos, seguido do modelo de segunda ordem. O modelo unifatorial de primeira ordem obteve os piores índices de ajuste, o que reforça a ideia de que existem dimensões diferentes. Além disso, de acordo com a Teoria de Resposta ao Item, três itens foram os mais discriminativos do modelo unifatorial, cada um deles derivado de um dos três constructos propostos por Sternberg. Portanto, Decisão, Intimidade e Paixão podem ser considerados os itens mais discriminativos do modelo unifatorial, determinando mais uma evidência da existência de um fator geral.

Walster e Walster (1978) e Hatfield e Walster (1983) diferenciaram o amor-companheiro e o amor-apaixonado. As escalas de amor sugeridas por eles abarcam um modelo em que um fator geral (amor-apaixonado ou companheiro) explica três fatores subjacentes, representando o agrupamento de variáveis cognitivas, afetivas e motivacionais. Embora as análises estatísticas realizadas tenham indicado uma estrutura unifatorial para cada tipo de amor, a estrutura de segunda ordem teorizada parece mais plausível também para o modelo fatorial da ETAS e ETAS-R, o que é corroborado pelos resultados do estudo de Hernandez (2016), que indicou essa mesma associação teórica.

Recentemente, Merino e Privado (2020) realizaram uma análise comparativa de modelos fatoriais para a ETAS semelhante à análise realizada neste estudo e sugeriram uma nova medida semelhante à ETAS, mas com uma estrutura fatorial de segunda ordem. No estudo, a estrutura de segunda ordem obteve os melhores índices de ajuste, seguida da unifatorial. O modelo trifatorial obteve os ajustes mais baixos. Nos nossos resultados, os

índices de ajuste foram superiores e, ao contrário, o modelo trifatorial obteve os melhores índices, seguido do de segunda ordem. O modelo unifatorial de primeira ordem obteve os índices mais baixos. Embora haja divergências entre os resultados, este estudo também indica a plausibilidade de uma estrutura de segunda ordem para a escala.

Os índices de confiabilidade e consistência interna de todos os modelos testados foram satisfatórios, sobretudo o de fator único, dada a sensibilidade à quantidade de itens dessa medida. Todos os índices foram iguais ou superiores aos dos estudos publicados até então com evidências de confiabilidade da ETAS-R (Hernandez, 2016; Cassepp-Borges & Pasquali, 2014; Andrade, Garcia, & Cassepp-Borges, 2013; Gouveia et al., 2009; Cassepp-Borges & Theodoro, 2007).

Além dos índices de confiabilidade terem sido semelhantes também aos da versão completa (Hernandez, 2016; Cassepp-Borges & Pasquali, 2012; Cassepp-Borges & Theodoro, 2007; Hernandez, 1999), a clássica questão das cargas saturadas em mais de um fator não apareceu nas soluções fatoriais esmiuçadas nesta pesquisa. Essa é uma evidência que indica a eficácia da versão reduzida utilizada na diminuição das cargas fatoriais cruzadas (Andrade, Garcia, & Cassepp-Borges, 2013). Ainda assim, Cassepp-Borges e Pasquali (2012) sugerem que é interessante manter a versão completa, para que não se perca a proximidade com a medida original e seus itens complexos omitidos na versão reduzida, bem como por ela ser mais precisa e consistente.

Os componentes do amor nas relações homoafetivas

Neste estudo com a ETAS-R, a amostra não apresentou inconsistências com os dados coletados em estudos com amostras de heterossexuais e homossexuais (Graham & Christiansen, 2009). O único estudo brasileiro com participantes homossexuais utilizando a ETAS-R é o de Hernandez e Baylão (2020), que observaram os componentes do amor em suas relações com papéis sexuais e satisfação conjugal entre heterossexuais e homossexuais. Os resultados indicaram bons ajustes da medida tridimensional. Na regressão realizada, a combinação dos componentes Decisão e Intimidade foram os maiores preditores de satisfação conjugal entre os participantes, independente da orientação sexual.

Ainda, os autores fornecem um breve panorama das pesquisas internacionais do constructo teórico de Sternberg com homossexuais utilizando técnicas de regressão para compreender a associação dos componentes do amor com a satisfação conjugal. Por exemplo, Bauermeister e colaboradores (2011) analisaram a validade fatorial de uma versão adaptada da ETAS em uma amostra de homossexuais, indicando a adequação da estrutura

de três fatores, apesar de altas correlações e muitas cargas cruzadas. Observou-se a predominância dos componentes Decisão e Intimidade, deixando a Paixão excluída como preditor, assim como Hernandez e Baylão (2020), o que contradiz o estigma social sobre as relações homoafetivas serem promíscuas e, via de regra, sexuais (Paixão).

Dentre as pesquisas com homossexuais, ainda se observa alguns delineamentos e análises que lançam mão de metodologias comparativas das orientações sexuais de maneira acrítica (Lafontaine et al., 2013). É importante refletir sobre o poder corroborativo de tais pesquisas na segmentação das pessoas, potencialmente ratificando a concepção das orientações sexuais enquanto categorias em concorrência, ou como categorias intrinsecamente causais de um determinado desfecho (Nascimento, Scorsolini-Comim, Fontaine, & dos Santos, 2015). No caso de Hernandez e Baylão (2020), utilizou-se a AFCMG para corroborar justamente a invariância da medida entre homossexuais e heterossexuais. Os autores destacam que, a partir dos resultados discutidos, não é possível apoiar “argumentos para a negação de igualdade de acesso à vida conjugal baseados em suposições de diferenças no significado social e psicológico do amor romântico entre casais homossexuais e heterossexuais” (Hernandez & Baylão, 2020, p. 35).

Contudo, sabe-se que a repressão da sexualidade e da identidade e a vivência de preconceito podem configurar algumas características nos relacionamentos homoafetivos e predispor alguns tipos de estilos de amar entre os homossexuais (Lee, 1976). Estudos futuros que utilizem a orientação sexual como categoria de comparação de medidas de constructos psicológicos devem se atentar a possíveis variáveis de confusão. Caso haja diferenças entre os escores para além das diferenças naturalmente esperadas entre os indivíduos e as relações, uma minuciosa análise será necessária para constatar até que ponto o resultado diz respeito à identificação homossexual *per se* ou aos efeitos dos percalços da vivência de relacionamentos amorosos homossexuais inseridos em um contexto específico e às inúmeras condições de desigualdade que muitos homossexuais ainda são submetidos.

Limitações

Apesar deste estudo ter apresentado dados consistentes, uma série de limitações precisam ser pontuadas. A princípio, não houve a necessidade de o indivíduo estar em um relacionamento amoroso para participar. As respostas dos participantes solteiros, que idealizaram ou apenas se lembraram de como se relacionam para responder, podem ser um problema para a confiabilidade. Outro aspecto a ser ressaltado é o caráter de autorrelato da

pesquisa, bem como a falta de controle durante a coleta dos dados, que podem prejudicar a confiabilidade devido a fatores como desajustabilidade social, desatenção ou desinteresse.

Além disso, realizou-se uma comparação entre os índices de ajuste de diferentes modelos fatoriais. Sabe-se que a observância de tais índices não é suficiente para se comparar modelos. Indica-se métodos BIC ou o teste de diferença do χ^2 para tais análises comparativas mais apuradas, o que não foi feito neste estudo. Também, não foi realizada nenhuma análise de correlação ou regressão com outras medidas, como satisfação conjugal.

Essencialmente, a relação homoafetiva é constituída por duas pessoas do mesmo gênero, independente da orientação sexual. Contudo, este estudo teve como critério se declarar homossexual. Embora haja diferenças na vivência psicossocial da bi e da homossexualidade, sugere-se que futuramente não se faça a inclusão de participantes por orientação sexual e sim por vivência de relacionamento amoroso homossexual. Estudos porvindouros poderão investigar os componentes dos relacionamentos homoafetivos com amostras, também ou exclusivamente, de participantes com outras orientações sexuais. Além disso, o critério de autodeclaração utilizado para mensurar a homossexualidade do(a) participante é uma limitação. Literatura recente indica que medidas de comportamento sexual são melhores, aumentando a sensibilidade e precisão dos resultados. Embora contemple homens e mulheres, cisgêneros e transgêneros, esta pesquisa é recortada à homossexualidade.

Ainda, deve-se pontuar que esta pesquisa foi realizada durante o período de pandemia causada pelo novo coronavírus, o Covid-19 (SARS-CoV-2). Em esforços para frear a propagação do vírus, as medidas de quarentena e isolamento social foram imperiosas, mas submeteram as pessoas a uma nova dinâmica no lar, no trabalho e nas relações sociais. Há uma forte probabilidade de tais mudanças terem influenciado a forma como as pessoas enxergam seus relacionamentos e seu jeito de amar, influenciando as respostas da pesquisa.

Por fim, a pesquisa utilizou a versão reduzida da ETAS. Apesar dos dados terem apresentado confiabilidade semelhante à versão completa e o problema de cargas cruzadas não ter surgido, a escala reduzida só contém itens considerados fáceis. O uso da versão completa poderá ser benéfico para uma análise mais minuciosa dos componentes do amor de Sternberg nos relacionamentos homoafetivos.

Considerações finais

Este artigo teve o objetivo de apresentar evidências de validade e fidedignidade para a ETAS-R em uma amostra de homossexuais brasileiros(as). Até onde se sabe, este é o

primeiro estudo nacional sobre a teoria e a medida de Sternberg com uma amostra robusta de participantes homossexuais. Houve participantes de todos os estados brasileiros, de forma que a maioria das regiões do país foi bem representada ($n > 100$), com exceção do Norte ($n = 63$). Apesar de ser uma amostra por conveniência, houve uma grande diversidade social, demográfica e cultural e foi constatada invariância da medida para diferentes variáveis sociodemográficas, de forma que a presença de vieses de respostas foi analisada. Em geral, os resultados semelhantes aos estudos com heterossexuais indicam que não há diferenças estruturais nos relacionamentos entre hetero e homossexuais, com os componentes decisão, intimidade e paixão bem ajustados em ambos.

A ETAS-R mostrou índices satisfatórios de ajuste nos modelos de estrutura interna testados e confiabilidade. A solução de três fatores correlacionados apresentou os melhores índices de ajuste na AFC, entretanto, ambos os métodos de extração utilizados (AP e Hull) indicaram 1 fator e os índices de unidimensionalidade foram acatados. Portanto, em consonância com estudos anteriores (Merino & Privado, 2020; Graham & Christiansen, 2008), sugere-se que a estrutura de segunda ordem, em que um fator geral (Amor) explica a covariância entre os 3 fatores propostos por Sternberg, foi a mais razoável como modelo fatorial para a ETAS-R neste estudo, com índices de ajuste e confiabilidade satisfatórios.

Futuras pesquisas com amostras de homossexuais poderão investigar os componentes do amor de Sternberg em associação com outras medidas, como satisfação no relacionamento, personalidade, estilos de apego, etc. Poderão também dar maior visibilidade às especificidades das relações amorosas entre pessoas não-cisgênero e avaliar os impactos da vivência de preconceito e discriminação nas atitudes em um relacionamento, bem como os mecanismos que casais homoafetivos utilizam para lidar com a discriminação e manter o relacionamento a longo-prazo. Ainda, estudos longitudinais poderão fornecer evidências de estabilidade e observar o curso de desenvolvimento dos relacionamentos homoafetivos.

Referências bibliográficas

- Acker, M., & Davis, M. H. (1992). Intimacy, passion and commitment in adult romantic relationships: A test of the triangular theory of love. *Journal of Social and Personal Relationships*, 9(1), 21-50. <https://doi.org/10.1177/0265407592091002>
- American Psychological Association (2008). *Sexual orientation and homosexuality*. Washington. APA. Recuperado de: <http://www.apa.org/helpcenter/sexual-orientation.aspx>.

- Andrade, A. L. D., Garcia, A., & Cassepp-Borges, V. (2013). Evidências de validade da escala triangular do amor de Sternberg-reduzida (ETAS-R). *Psico-USF*, 18(3), 501-510. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712013000300016>
- Aron, A., & Westbay, L. (1996). Dimensions of the prototype of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 535-551. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.535>
- Asparouhov, T., & Muthén, B. (2010). *Simple second order chi-square correction. Mplus technical apêndix*. Los Angeles: Muthén & Muthén.
- Bauermeister, J. A., Johns, M. M., Pingel, E., Eisenberg, A., Santana, M. L., & Zimmerman, M. (2011). Measuring love: Sexual minority male youths' ideal romantic characteristics. *Journal of LGBT Issues in Counseling*, 5(2), 102-121 <https://doi.org/10.1080/15538605.2011.574573>
- Berscheid, E. (1988). Some comments on love's anatomy: Or, whatever happened to old-fashioned lust? In: R. J. Sternberg, & M. L. Barnes (Eds), *The psychology of love*, 359-374. Connecticut: Yale University Press.
- Bento, B. (2012). *O que é transexualidade. 2ª edição*. São Paulo: Brasiliense.
- Brown, T. (2015). *Confirmatory Factor Analysis for Applied Research (2nd Ed)*. Nova York: Guilford Press.
- Brown, T. A. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research*. New York: The Guilford Press.
- Carpenedo, C., & Koller, S. H. (2004). Relações amorosas ao longo das décadas: Um estudo de cartas de amor. *Interações em Psicologia*, 8(1), 1-13. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v8i1.3234>
- Carreño, M., & Serrano, G. (1995). Analisis de instrumentos para la medida del amor. *Revista de Psicología Social*, 10(2), 131-148. <https://doi.org/10.1174/021347495763810938>
- Cassepp-Borges, V. (2010). *Amor e construtos relacionados: Evidências de validade de instrumentos de medida no Brasil*. (Tese de doutorado). Universidade de Brasília. Brasília, DF, Brasil.
- Cassepp-Borges, V., & Pasquali, L. (2012). Estudo nacional dos atributos psicométricos da Escala Triangular do Amor de Sternberg. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 22(51), 21-31. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2012000100004>
- Cassepp-Borges, V., & Pasquali, L. (2014). A redução de itens como uma alternativa para a Escala Triangular do Amor. *Psicologia*, 28(2), 11-20. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v28i2.269>
- Cassepp-Borges, V., & Teodoro, M. L. (2007). Propriedades psicométricas da versão brasileira da Escala Triangular do Amor de Sternberg. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 513-522. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000300020>

- Cheung, G. W., & Rensvold, R. B. (2002). Evaluating Goodness-of-Fit Indexes for Testing Measurement Invariance. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 9(2), 233–255. https://doi.org/10.1207/S15328007SEM0902_5
- Chojnacki, J. T., & Walsh, W. B. (1990). Reliability and concurrent validity of the Sternberg triangular love scale. *Psychological Reports*, 67(1), 219-224. doi: 10.1177/0265407593103013
- Corino, L. C. P. (2006). Homoerotismo na Grécia antiga–homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades. *Biblos*, 19(1), 19-24. Recuperado de: <https://www.seer.furg.br/biblos/article/view/249>
- Damáσιο, B. F. (2013). Contribuições da Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFCMG) na avaliação de invariância de instrumentos psicométricos. *Psico-USF*, 18(2), 211-220. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712013000200005>
- De Andrade, A. L., & Wachelke, J. (2011). The association of structural configurations of romantic relationships with beliefs about couple relationships: A social representations study. *Anales de Psicología*, 27(3), 834-842. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/167/16720048031.pdf>
- De Oliveira Marques, A., & Hernandez, J. A. E. (2020). Subsídios teóricos para mensuração da sexualidade em pesquisas psicométricas. In: Castilho, D. B. *Cultura e Sociedade*. Paraná: Atena. <https://doi.org/10.22533/at.ed.010201402>
- Dela Coleta, A. S. M., Dela Coleta, M. F., & Guimaraes, J. L. (2008). O amor pode ser virtual? O relacionamento amoroso pela internet. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 277-285. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000200010>
- DiStefano, C., Morgan, G. B. (2014). A Comparison of Diagonal Weighted Least Squares Robust Estimation Techniques for Ordinal Data. *Structural Equation Modeling*, 21(3), 425-438. <https://doi.org/10.1080/10705511.2014.915373>
- Evans-Pritchard, E. E. (1970). Sexual inversion among the Azande. *American Anthropologist*, 72(6), 1428-1434. <https://doi.org/10.1525/aa.1970.72.6.02a00170>
- Fehr, B. (2013). The social psychology of love. In J. A. Simpson & L. Campbell (Eds.), *The Oxford handbook of close relationships*, 201–233. Reino Unido: Oxford University Press.
- Féres-Carneiro, T. (1997). A escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. *Psicologia: reflexão e crítica*, 10(2), 351-368. <https://doi.org/10.1590/S0102-79721997000200012>
- Ferrando, P. J., & Lorenzo-Seva U. (2018). Assessing the quality and appropriateness of factor solutions and factor score estimates in exploratory item factor analysis. *Educational and Psychological Measurement*, 78(5), 762-780. <https://doi.org/10.1177/0013164417719308>

- Gates, G. J., & Newport, F. (2015). An estimated 780,000 Americans in same-sex marriages. *Gallup Social Issues*. Recuperado de: <http://www.gallup.com/poll/182837/estimated-780-000-americans-sex-marriages.aspx>
- Gouveia, V. V., Fonseca, P. N. D., Cavalcanti, J. P. N., Diniz, P. K., & Dória, L. C. (2009). Versão abreviada da Escala Triangular do Amor: evidências de validade fatorial e consistência interna. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 14(1), 31-39. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2009000100005>
- Graham, J. M. (2011). Measuring love in romantic relationships: A meta-analysis. *Journal of Social and Personal Relationships*, 28(6), 748-771. <https://doi.org/10.1177/0265407510389126>
- Graham, J. M., & Christiansen, K. (2009). The reliability of romantic love: A reliability generalization meta-analysis. *Personal Relationships*, 16(1), 49-66. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2009.01209.x>
- Hatfield, E. (1988). Passionate and companionate love. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love*, 191–217. Connecticut: Yale University Press.
- Hatfield, E., & Sprecher, S. (1986). *Mirror, mirror: The importance of looks in everyday life*. Nova York: Suny Press.
- Hatfield, E., & Walster, G. W. (1985). *A new look at love*. Maryland: University Press of America.
- Haukoos, J. S., & Lewis, R. J. (2005). Advanced statistics: bootstrapping confidence intervals for statistics with “difficult” distributions. *Academic emergency medicine*, 12(4), 360-365. <https://doi.org/10.1197/j.aem.2004.11.018>
- Herd, G. H. (Ed.). (1993). *Ritualized homosexuality in Melanesia (No. 2)*. California: Univ of California Press.
- Hernandez, J. A. E. (1999). Validação da estrutura da Escala Triangular do Amor: análise fatorial confirmatória. *Aletheia*, 9(1), 15-26. Recuperado de: https://www.researchgate.net/publication/306123234_Validacao_da_estrutura_da_Escala_Triangular_do_Amor_Analise_fatorial_confirmatoria
- Hernandez, J. A. E. (2016). Análise fatorial exploratória e hierárquica da Escala Triangular do Amor. *Avaliação Psicológica*, 15(1), 11-20. <https://doi.org/10.15689/ap.2016.1501.02>
- Hernandez, J. A. E., & Baylão, V. L. D. A. (2020). Papéis Sexuais, Amor e Satisfação Conjugal em Indivíduos Heterossexuais e Homossexuais. *Psico-USF*, 25(1), 27-38. <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250103>
- Hernandez, J. A. E., & Oliveira, I. M. B. D. (2003). Os componentes do amor e a satisfação. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23(1), 58-69. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000100009>

- Hernandez, J. A. E., & Roveda, A. M. A. (1998). A autoestima e o amor. *Aletheia*, 8, 117-133. Recuperado de: https://www.academia.edu/12049248/A_autoestima_e_o_amor
- Hernandez, J. A. E., Plácido, M. G., de Araujo, A. L., & Neves, F. V. C. (2017). A psicologia do amor: vinte anos de estudos científicos nacionais. *Psicologia Argumento*, 32(2), 131-139. Recuperado de: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20553>
- Hinsch, B. (1990). *Passions of the cut sleeve: The male homosexual tradition in China*. California: California University Press.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2011). *Censo contabiliza 60 mil casais gays; metade mora no Sudeste*. Recuperado de: <https://ibdfam.org.br/noticias/namidia/4565/Censo+2010+contabiliza+mais+de+60+mil+casais+homossexuais>
- Kurdek, L. A. (1991). Correlates of relationship satisfaction in cohabiting gay and lesbian couples: Integration of contextual, investment, and problem-solving models. *Journal of personality and social psychology*, 61(6), 910. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.61.6.910>
- Kurdek, L. A. (1998). Relationship outcomes and their predictors: Longitudinal evidence from heterosexual married, gay cohabiting, and lesbian cohabiting couples. *Journal of Marriage and the Family*, 60(3), 553–568 <https://doi.org/10.2307/353528>
- Lafontaine, M. F., Gabbay, N., Péloquin, K., Flesch, J. L., & Fitzpatrick, J. (2013). An overview of same-sex couples' love lives. *Integrating Science & Practice*, 3(2), 18-21. Recuperado de: <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.681.1794&rep=rep1&type=pdf>
- Lee, D. J. A. (1976). Forbidden colors of love: Patterns of gay love and gay liberation. *Journal of Homosexuality*, 1(4), 401-418. https://doi.org/10.1300/J082v01n04_04
- Lee, J. A. (1973). *Colours of love: An exploration of the ways of loving*. Toronto: New Press.
- Lemieux, R., & Hale, J. L. (2000). Intimacy, passion, and commitment among married individuals: Further testing of the triangular theory of love. *Psychological Reports*, 87, 941-948. doi: 10.2466/pr0.2000.87.3.941
- Lewis, D. M. (2011). *Intimacy, passion, and commitment as predictors of couples' relationship satisfaction*. Granwork: Capella University.
- Li, C. H. (2016). Confirmatory factor analysis with ordinal data: Comparing robust maximum likelihood and diagonally weighted least squares. *Behavioral Research Methods*, 48(3), 936-49. <https://doi:10.3758/s13428-015-0619-7>
- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P. J. (2019). Robust Promin: a method for diagonally weighted factor rotation. *LIBERABIT. Revista Peruana de Psicología*, 25(1), 99-106. <https://doi.org/10.24265/liberabit.2019>

- Martins-Silva, P. D. O., Trindade, Z. A., & Silva Junior, A. D. (2013). Teorias sobre o amor no campo da Psicologia Social. *Psicologia: ciência e profissão*, 33(1), 16-31. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/5JMDBw5ZhbQx7yddL4nb7tS/?format=pdf&lang=pt>
- Merino, M. D., & Privado, J. (2020). Is love triarchic or monarchical-hierarchical? A proposal of a general factor of love and a scale to measure it. *The Spanish Journal of Psychology*, 23(10), s-p. <https://doi.org/10.1017/SJP.2020.3>
- Nascimento, G. C. M., Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., & dos Santos, M. A. (2015). Relacionamentos amorosos e homossexualidade: Revisão integrativa da literatura. *Temas em Psicologia*, 23(3), 547-563. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-03>
- Peplau, L. A., & Fingerhut, A. W. (2007). The close relationships of lesbians and gay men. *Annu. Rev. Psychol.*, 58(1), 405-424. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.58.110405.085701>
- Raykov, T. (1997). Estimation of composite reliability for congeneric measures. *Applied Psychological Measurement*, 21(2), 173-184. <https://doi.org/10.1177/01466216970212006>
- Reckase, M. D. (1985). The difficulty of test items that measure more than one ability. *Applied Psychological Measurement*, 9(4), 401-412. <https://doi.org/10.1177/014662168500900409>
- Rosenblum, L. (1985). *Passion and the nonhuman primate*. Seattle: International Academy of Sex Research.
- Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 16(2), 265-73. <https://doi.org/10.1037/h0029841>
- Schlösser, A., & Camargo, B. V. (2014). Contribuições de pesquisas brasileiras sobre o amor e relacionamentos amorosos. *Temas em Psicologia*, 22(4), 795-808. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2014.4-10>
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychology Review*, 93(2), 119-135. Recuperado de: <https://psycnet.apa.org/buy/1986-21992-001>
- Sternberg, R. J. (1988). Triangulating love. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.). *The psychology of love*, 119-138. New York: Yale University.
- Sternberg, R. J. (1997). Construct validation of a triangular love scale. *European Journal of Social Psychology*, 27(3), 313-335. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1099-0992\(199705\)27:3%3C313::AID-EJSP824%3E3.0.CO;2-4](https://doi.org/10.1002/(SICI)1099-0992(199705)27:3%3C313::AID-EJSP824%3E3.0.CO;2-4)
- Sternberg, R. J. (2006). A duplex theory of love. In: R. J. Sternberg & K. Weis (Eds.), *The New Psychology of Love*, 184-199. New Haven: Yale University Press

- Timmerman, M. E., & Lorenzo-Seva, U. (2011). Dimensionality Assessment of Ordered Polytomous Items with Parallel Analysis. *Psychological Methods*, 16(2), 209-220. <https://doi.org/10.1037/a0023353>
- Toledo, L. G., & Teixeira Filho, F. S. (2012). As lesbia- nidades entre o estigma da promiscuidade e da ilegitimidade sexual. *Temáticas*, 20(40), 67-103. Recuperado de: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/view/2206/1612>
- Trevisan, J. S. (2018). *Devassos no Paraíso (4a edição, revista e ampliada): A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Villa, M. B., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2007). Habilidades sociais conjugais e filiação religiosa: um estudo descritivo. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 23-32. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000100004>
- Wachelke, J. F. R., De Andrade, A. L., Cruz, R. M., Faggiani, R. B., & Natividade, J. C. (2004). Medida da satisfação em relacionamento de casal. *Psico-USF*, 9(1), 11-18. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712004000100003>
- Walster, E., & Walster, G. W. (1978). *A new look at love*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Zahed, L. M. (2019). Homossexualidade e identidade trans no Islã. *Momento-Diálogos em Educação*, 28(1), 245-261. <https://doi.org/10.14295/momento.v28i1.8798>

6. Considerações finais

Esta dissertação pautou-se sob o objetivo geral de investigar a estrutura e os estilos de amar nos relacionamentos homoafetivos. Para tanto, dois estudos independentes foram realizados, cada um com desenvolvimento, discussão e conclusão. A fundamentação teórica foi determinada pelas teorias do amor da psicologia social de John Alan Lee e Robert Sternberg e utilizou-se o método quantitativo para alcançar os objetivos gerais e específicos de cada estudo e da pesquisa em completude.

Em conjunto, os estudos respondem ao objetivo geral da pesquisa ao indicarem que os relacionamentos homoafetivos são vivenciados a partir de uma gama multifacetada de possibilidades de estrutura de relação e estilo de amar. Embora esta pesquisa desestimule um viés metodológico comparativo de grupos de homossexuais e heterossexuais, vale mencionar que os resultados não indicaram diferenças significativas de estudos psicométricos semelhantes com casais heterossexuais. Outros artigos da literatura científica com participantes homossexuais também não encontraram diferenças relevantes quanto a aspectos como a estrutura fatorial das escalas e invariância da medida. Tais achados, portanto, corroboram ao fato de os relacionamentos íntimos se estruturarem de maneiras semelhantes por todas as pessoas, independente de aspectos como orientação sexual.

Ainda assim, como foi argumentado na introdução deste estudo, as formas como os relacionamentos são significados e vivenciados pelas pessoas são permeados de aspectos socioculturais, que modulam as relações ao determinar o contexto no qual o indivíduo vai desenvolver sua identidade, dar sentido ao amor e compreender a sua forma de se relacionar. No caso de pessoas homossexuais, o ainda presente contexto sociocultural de preconceito e violência influencia não apenas uma compreensão social menos estigmatizada das relações homoafetivas, como também, muitas vezes, passa a ser vivenciado pela própria pessoa homossexual, e LGBTQIA+ em geral, como única possibilidade.

Nesse sentido, destacou-se que um contexto de homofobia, desaprovação familiar e repressão da sexualidade predispõe homossexuais a estilos de amor mais ambíguos e conflituosos. Embora os resultados estatísticos de diferença de média tenham apresentado baixo tamanho de efeito, a nível de discussão teórica, as hipóteses foram parcialmente ratificadas. A maior média geral dos participantes em Mania é um importante resultado para esta discussão, sinalizando a frequência de estilos de relacionamento conturbados nesta amostra. Nesse sentido, este estudo contribui com a discussão sobre a construção sociocultural dos relacionamentos, ressaltando que o contexto de estigmatização e violências de todos os

tipos, que censura o amor fora do padrão, pode submeter tais indivíduos a sentimentos ambivalentes e confusos quanto a como, quanto e por que amam.

Para além dos objetivos gerais e específicos dos estudos, este trabalho aspirou uma imersão mais significativa e robusta dos casais homoafetivos nas pesquisas do amor da psicologia social, sobretudo em relação aos constructos teóricos de John Alan Lee e Robert Sternberg e ao método psicométrico. Por ser composta por pessoas de todos os estados brasileiros, de diferentes características sociodemográficas e pessoais, a amostra possibilitou uma compreensão da dinâmica afetiva dos casais homoafetivos a nível nacional, trazendo diversidade e representatividade para os dados. Este trabalho também se destaca pela clareza do processo de análise e interpretação dos dados, ratificando a qualidade psicométrica das escalas utilizadas e encorajando o uso das mesmas em outros estudos.

7. Referências bibliográficas

- Ainsworth, M. D., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment - A Psychological Study of the Strange Situation*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Beach, S. R. H., & Tesser, A. (1988). Love in marriage: A cognitive account. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (p. 330–355). Connecticut: Yale University Press.
- Bento, B. (2012). *O que é transexualidade. 2ª edição*. São Paulo: Brasiliense.
- Berscheid, E., & Hatfield, E. (1969). *Interpersonal attraction*. Nova York: Addison-Wesley.
- Bowlby, J. (1984). Violence in the family as a disorder of the attachment and caregiving systems. *The American journal of psychoanalysis*, 44(1), 9-27. <https://doi.org/10.1007/BF01255416>
- Brasil. Ministério dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Cidadania. (2018). *Violência LGBTFóbicas no Brasil: dados da violência*. Brasília: 79. Recuperado de: <https://pt.scribd.com/document/428094665/Violencia-Lgbtfobicas-No-Brasil-Dados-Da-Violencia>
- Carpenedo, C., & Koller, S. H. (2004). Relações amorosas ao longo das décadas: Um estudo de cartas de amor. *Interações em Psicologia*, 8(1), 1-13. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v8i1.3234>
- Carrara, S., & Vianna, A. (2002). A violência letal contra homossexuais no município do Rio de Janeiro: características gerais. *Publiciones sexualidades, salud y derechos humanos em America Latina*. Disponível em: <http://www.sxpolitics.org/wp-content/uploads/2009/05/a-violencia-letal-carrara-e-vianna.pdf>
- Cassepp-Borges, V., & Ferrer, E. (2019). Are We Missing the Circumplexity? An Examination of Love Styles. *Journal of Relationships Research*, 10(21), s-p. doi:10.1017/jrr.2019.13
- Cassepp-Borges, V., & Pasquali, L. (2012). Estudo nacional dos atributos psicométricos da Escala Triangular do Amor de Sternberg. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 22(51), 21-31. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2012000100004>
- Cassepp-Borges, V., & Pasquali, L. (2014). A redução de itens como uma alternativa para a Escala Triangular do Amor. *Psicologia*, 28(2), 11-20. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v28i2.269>
- Cassepp-Borges, V., & Teodoro, M. L. (2007). Propriedades psicométricas da versão brasileira da Escala Triangular do Amor de Sternberg. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 513-522. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000300020>
- Clark, M. S., & Mills, J. (1979). Interpersonal attraction in exchange and communal relationships. *Journal of personality and social psychology*, 37(1), 12. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.37.1.12>

- Corino, L. C. P. (2006). Homoerotismo na Grécia antiga—homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades. *Biblos*, 19(1), 19-24. Recuperado de: <https://www.seer.furg.br/biblos/article/view/249>
- Costa, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.
- De Andrade, A. L. D., & Garcia, A. (2014). Escala de crenças sobre amor romântico: Indicadores de validade e precisão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(1), 63-71. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000100008>
- De Andrade, A. L. D., Garcia, A., & Cassepp-Borges, V. (2013). Evidências de validade da escala triangular do amor de Sternberg-reduzida (ETAS-R). *Psico-USF*, 18(3), 501-510. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712013000300016>
- De Andrade, A. L., & Garcia, A. (2009). Atitudes e crenças sobre o amor: Versão brasileira da Escala de Estilos de Amor. *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships*, 3(1), 89-102. <https://doi.org/10.5964/ijpr.v3i1.34>
- Dos Reis, B. F. (1995). Uma escala de atitudes frente a relações afetivas estáveis. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(01), 67-71. Recuperado de: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/17214>
- Fehr, B. (2013). The social psychology of love. In J. A. Simpson & L. Campbell (Eds.), *The Oxford handbook of close relationships*, 201–233. Reino Unido: Oxford University Press.
- Féres-Carneiro, T. (1997). A escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. *Psicologia: reflexão e crítica*, 10(2), 351-368. <https://doi.org/10.1590/S0102-79721997000200012>
- Ferreira, L. H. M., & Fioroni, L. N. (2009). Concepções sobre relacionamentos amorosos na contemporaneidade: um estudo com universitários. In Anais do XV Encontro Nacional da ABRAPSO. Recuperado de: http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/580.%20concep%C7%D5es%20sobre%20relacionamentos%20amorosos%20na%20contemporaneidade.pdf
- Gates, G. J., & Newport, F. (2015). An estimated 780,000 Americans in same-sex marriages. *Gallup Social Issues*. Recuperado de: <http://www.gallup.com/poll/182837/estimated-780-000-americans-sex-marriages.aspx>
- Gouveia, V. V., Fonseca, P. N. D., Cavalcanti, J. P. N., Diniz, P. K., & Dória, L. C. (2009). Versão abreviada da Escala Triangular do Amor: evidências de validade fatorial e consistência interna. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 14(1), 31-39. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2009000100005>
- Graham, J. M., & Christiansen, K. (2009). The reliability of romantic love: A reliability generalization meta-analysis. *Personal Relationships*, 16(1), 49-66. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2009.01209.x>

- Hatfield, E., & Sprecher, S. (1986). *Mirror, mirror: The importance of looks in everyday life*. Nova York: Suny Press.
- Hatfield, E., & Walster, G. W. (1983). *A new look at love*. Maryland: University Press of America.
- Hatfield, E., Bensman, L., & Rapson, R. L. (2012). A brief history of social scientists' attempts to measure passionate love. *Journal of Social and Personal Relationships*, 29(2), 143-164. <https://doi.org/10.1177/0265407511431055>
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.52.3.511>
- Hendrick, C., & Hendrick, S. (1986). A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(2), 392-402. Recuperado de: <https://psycnet.apa.org/buy/1986-13421-001>
- Hendrick, C., Hendrick, S. S., & Dicke, A. (1988). The Love Attitudes Scale: Short form. *Journal of Social and Personality Relationships*, 15, 147-159. <https://doi.org/10.1177/0265407598152001>
- Hernandez, J. A. E. (1999). Validação da estrutura da Escala Triangular do Amor: análise fatorial confirmatória. *Aletheia*, 9(1), 15-26. Recuperado de: https://www.researchgate.net/publication/306123234_Validacao_da_estrutura_da_Escala_Triangular_do_Amor_Analise_fatorial_confirmatoria
- Hernandez, J. A. E. (2016). Análise fatorial exploratória e hierárquica da Escala Triangular do Amor. *Avaliação Psicológica*, 15(1), 11-20. <https://doi.org/10.15689/ap.2016.1501.02>
- Hernandez, J. A. E., & Baylão, V. L. D. A. (2020). Papéis Sexuais, Amor e Satisfação Conjugal em Indivíduos Heterossexuais e Homossexuais. *Psico-USF*, 25(1), 27-38. <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250103>
- Hernandez, J. A. E., & Oliveira, I. M. B. D. (2003). Os componentes do amor e a satisfação. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23(1), 58-69. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000100009>
- Hernandez, J. A. E., Plácido, M. G., de Araujo, A. L., & Neves, F. V. C. (2017). A psicologia do amor: vinte anos de estudos científicos nacionais. *Psicologia Argumento*, 32(2), 131-139. Recuperado de: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20553>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2011). *Censo contabiliza 60 mil casais gays; metade mora no Sudeste*. Recuperado de: <https://ibdfam.org.br/noticias/namidia/4565/Censo+2010+contabiliza+mais+de+60+mil+casais+homossexuais>
- Kurdek, L. A. (1991). Correlates of relationship satisfaction in cohabiting gay and lesbian couples: Integration of contextual, investment, and problem-solving models. *Journal of personality and social psychology*, 61(6), 910. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.61.6.910>

- Lafontaine, M. F., Gabbay, N., Péloquin, K., Flesch, J. L., & Fitzpatrick, J. (2013). An overview of same-sex couples' love lives. *Integrating Science & Practice*, 3(2), 18-21. Recuperado de: <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.681.1794&rep=rep1&type=pdf>
- Lee, D. J. A. (1976). Forbidden colors of love: Patterns of gay love and gay liberation. *Journal of Homosexuality*, 1(4), 401-418. https://doi.org/10.1300/J082v01n04_04
- Lee, J. A. (1973). *Colours of love: An exploration of the ways of loving*. Toronto: New Press.
- Lee, J. A. (1977). A typology of styles of loving. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 3(2), 173-182. <https://doi.org/10.1177/014616727700300204>
- Martins-Silva, P. D. O., Trindade, Z. A., & Silva Junior, A. D. (2013). Teorias sobre o amor no campo da Psicologia Social. *Psicologia: ciência e profissão*, 33(1), 16-31. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/5JMDBw5ZhbQx7yddL4nb7tS/?format=pdf&lang=pt>
- Milfont, T. L., Gouveia, V. V., Jesus, G. R. D., Gusmão, E. É. D. S., Chaves, S. S., & Coelho, J. A. P. D. M. (2008). Estrutura fatorial da escala de atitudes frente a relacionamentos afetivos estáveis. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(3), 331-339. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000300009>
- Mosmann, C. P., Lomando, E., & Wagner, A. (2010). Coesão e adaptabilidade conjugal em homens e mulheres hetero e homossexuais. *Barbaroi*, 33(2), 135-152. <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i0.1644>
- Nascimento, G. C. M., & Scorsolini-Comin, F. (2019). Homossexualidade e família de origem: a perspectiva de homossexuais masculinos. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, 6(4), 735-745. <https://doi.org/10.18554/refacs.v6i4.3288>
- Nascimento, G. C. M., Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., & dos Santos, M. A. (2015). Relacionamentos amorosos e homossexualidade: Revisão integrativa da literatura. *Temas em Psicologia*, 23(3), 547-563. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-03>
- Neto, F. (2007). Love styles: A cross-cultural study of British, Indian, and Portuguese college students. *Journal of Comparative Family Studies*, 38(2), 239-254. <https://doi.org/10.3138/jcfs.38.2.239>
- Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 16(2), 265-73. <https://doi.org/10.1037/h0029841>
- Schlösser, A., & Camargo, B. V. (2014). Contribuições de pesquisas brasileiras sobre o amor e relacionamentos amorosos. *Temas em Psicologia*, 22(4), 795-808. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2014.4-10>
- Shaver, P., Hazan, C., & Bradshaw, D. (1988). Love as attachment: The integration of three behavioral systems. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.). *The psychology of love* (pp. 264-292). New York: Yale University.

- Sprecher, S., & Metts, S. (1999). Romantic beliefs: Their influence on relationships and patterns of change overtime. *Journal of Social and Personal Relationships*, 16(6), 834-851. <https://doi.org/10.1177/0265407599166009>
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychology Review*, 93(2), 119-135. Recuperado de: <https://psycnet.apa.org/buy/1986-21992-001>
- Sternberg, R. J. (1988). Triangulating love. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.). *The psychology of love*, 119-138. New York: Yale University.
- Sternberg, R. J. (1997). Construct validation of a triangular love scale. *European Journal of Social Psychology*, 27(3), 313-335. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1099-0992\(199705\)27:3%3C313::AID-EJSP824%3E3.0.CO;2-4](https://doi.org/10.1002/(SICI)1099-0992(199705)27:3%3C313::AID-EJSP824%3E3.0.CO;2-4)
- Sternberg, R. J. (2006). A duplex theory of love. In: R. J. Sternberg & K. Weis (Eds.), *The New Psychology of Love* (pp. 184-199). New Haven: Yale University Press
- Trevisan, J. S. (2018). *Devassos no Paraíso (4a edição, revista e ampliada): A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Troiden, D. R. R. (1989). The formation of homosexual identities. *Journal of homosexuality*, 17(1-2), 43-74. https://doi.org/10.1300/J082v17n01_02
- Waller, N. G., & Shaver, P. R. (1994). The importance of nongenetic influences on romantic love styles: A twin-family study. *Psychological Science*, 5(5), 268-274. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9280.1994.tb00624.x>
- Walster, E., & Walster, G. W. (1978). *A new look at love*. Reading, MA: Addison-Wesley.

Apêndice

1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

DADOS SOBRE A PESQUISA

- 1. Título do Protocolo de Pesquisa:** “O amor e os relacionamentos homoafetivos”
- 2. Pesquisadora responsável:** Dra. Emmy Uehara Pires (Professora Adjunta de Psicologia do Instituto de Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro).
Pesquisador executante: Matheus Svóboda Caruzo (Mestrando do Programa de Pós- Graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro).
- 3. Duração da pesquisa:** A duração deste projeto é prevista para um ano. No entanto, a sua participação será requisitada apenas uma (1) vez ao longo do processo. Nesse encontro, faremos uma entrevista, você responderá a um questionário sócio-demográfico e serão aplicadas escalas psicológicas para investigação da sua dinâmica afetiva.
- 4. Justificativa e objetivo:** Diferentes contextos produziram distintos formatos de relacionamento amoroso, costurando as necessidades políticas, econômicas e religiosas de cada época no bojo do significado atribuído ao amor e ao amar. Desde antes da instituição social da família, a heterossexualidade foi concebida como norma para a fundação da relação amorosa, de forma que as práticas que desviavam dessa norma passaram a ser compreendidas como doença e perversão, dando margem à repressão e penalidades. Vivendo em uma sociedade feita por e para heterossexuais, os homossexuais gradativamente passaram a reivindicar também como seus os acordos estabelecidos a partir dos relacionamentos heteronormativos. Percebe-se uma contradição: ao mesmo tempo em que os relacionamentos homoafetivos são caracterizados por seu desencaixe à norma, neles há a performance de certos aspectos da heteronormatividade como única configuração possível de relacionamento. Desse modo, esta pesquisa tem o objetivo de investigar e discutir o amor e os relacionamentos amorosos de homens cisgêneros homossexuais, partindo da hipótese que a vivência psicossocial da homossexualidade em uma sociedade heteronormatizada e calcada na masculinidade dominante modula os relacionamentos homoafetivos.
- 5. Procedimentos:** Caso concorde em participar desta pesquisa, por favor, diga em voz alta: Eu aceito. Devido ao contexto pandêmico, a sua autorização e aceite dos termos

se dará por registro de voz em gravação. Teremos um (1) encontro via webconferência, no qual faremos uma entrevista, você responderá um questionário sócio-demográfico e serão aplicadas escalas psicológicas para investigação da sua dinâmica afetiva. O tempo aproximado de duração é de uma 1 hora. Em seguida, você receberá uma cópia deste documento assinada pelos pesquisadores responsáveis em seu e-mail.

6. **Riscos e inconveniências:** Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde. Todos os riscos e desconfortos desta pesquisa serão acolhidos pela equipe que a compõe. Os possíveis riscos podem incluir cansaço pelo preenchimento dos questionários e respostas à aplicação das escalas, ou sentimento de ansiedade associado a alguma pergunta. Para minimizar esses possíveis efeitos, os questionários são curtos e o avaliador responsável possui treinamento especializado em avaliação psicológica. Caso o participante se sinta muito ansioso por estar participando da pesquisa, sua participação será interrompida e encontros online poderão ser solicitados para amenizar os desconfortos.
7. **Potenciais benefícios:** Ao participar desta pesquisa, você estará contribuindo para o aprimoramento da compreensão sobre as variáveis influentes na saúde mental de homens cisgênero homossexuais. O objetivo da sua colaboração no presente estudo ocorrerá de forma indireta, aumentando o conhecimento científico sobre os aspectos psicológicos e comportamentais dos relacionamentos amorosos engendrados por homossexuais, baseando-se na compreensão de que estes são modulados e alterados pelo paradigma da heteronormatividade e da masculinidade dominante.
8. **Como participante da pesquisa, você terá ainda assegurados os seguintes direitos:**
 - a) **Garantia do uso dos dados coletados apenas para o objetivo deste estudo:** Os dados que vocês darão serão utilizados somente para os objetivos dessa pesquisa.
 - b) **Sigilo e privacidade:** As informações que vocês darão serão mantidas em lugar seguro e os participantes não serão identificados. Os dados serão identificados através de um código, não com o nome. Caso o material seja utilizado em publicação científica ou atividades didáticas, não serão revelados nomes que possam vir a identificá-lo.
 - c) **Direito a informação:** A qualquer momento, você poderá solicitar informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa. Para isso, poderá utilizar os contatos das pesquisadoras, listados ao final deste Termo, ou pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa responsável.
 - d) **Despesas e compensações:** Não há despesas pessoais. Os participantes serão abordados via webconferência, em um horário agendado previamente. Você não será cobrado em nenhum momento pela participação, assim como não há pagamento financeiro pela participação.
 - e) **Direito a não participar ou interromper a participação no estudo:** Você tem liberdade para recusar a participação ou retirar seu consentimento em qualquer

momento da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo para os envolvidos.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO

(Diga em voz alta)

Eu, _____, aceito participar como sujeito desta pesquisa. Declaro que fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo(a) pesquisador(a) sobre os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data _____, _____ de _____ de 202__

Nome do participante: _____

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

Esse termo possui duas vias de igual teor (idênticas). Uma para posse do participante e a outra para os pesquisadores.

Se desejar receber os resultados desta pesquisa, forneça seu e-mail ou telefone abaixo:

E-mail: _____ **Telefone:** _____

Pesquisador responsável (Orientador): Emmy Uehara Pires – Professora Dra. do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Telefone de contato: (21) 2682-1841. E-mail: emmy.uehara@gmail.com.

Pesquisador executante: Matheus Svóboda Caruzo – Estudante de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Telefone de contato: (24) 98157-4607. E-mail: psicaruzo@gmail.com

Comitê de Ética do IPUB/UFRJ: (21) 3938-5510. E-mail: comite.etica@ipub.ufrj.br

2. Formulário da pesquisa

AMOR+

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO (UFRRJ)
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Olá, como vai?

Eu me chamo Matheus Caruzo e sou mestrando em Psicologia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Gostaria de convidá-lo a participar da minha pesquisa intitulada “AMOR+: ASPECTOS DO AMOR E DA DINÂMICA AFETIVA HOMOSSEXUAL”.

Participarão deste estudo pessoas homossexuais brasileiras de todos os gêneros a partir de 18 anos que se voluntariem para o preenchimento de um questionário e algumas escalas psicológicas.

O tempo aproximado de duração é de 20 (vinte) minutos. Para aceitar participar deste estudo, você deverá ler atentamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) abaixo, sinalizando seu aceite após a leitura.

Esta pesquisa recebeu parecer positivo na Plataforma Brasil, nº 4.084.090

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

DADOS SOBRE A PESQUISA

1. Título do Protocolo de Pesquisa: “AMOR+: ASPECTOS DO AMOR E DA DINÂMICA AFETIVA HOMOSSEXUAL”

2. Pesquisadora responsável: Dra. Emy Uehara Pires (Professora Adjunta de Psicologia do Instituto de Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro).
Pesquisador executante: Matheus Svóboda Caruzo (Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro).

3. Duração da pesquisa: A duração deste projeto é prevista para um ano. No entanto, a sua participação será requisitada apenas uma (1) vez ao longo do processo. Através deste formulário, você responderá a um questionário sócio-demográfico e a algumas escalas psicológicas para investigação da sua dinâmica afetiva.

4. Justificativa e objetivo: Desde antes da instituição social da família, a heterossexualidade é concebida como norma para a fundação da relação amorosa. Nesse contexto, pessoas homossexuais gradativamente passaram a reivindicar também como seus os acordos estabelecidos a partir dos relacionamentos heteronormativos, por

exemplo, ao exigirem o direito ao casamento e à união estável. Nota-se que ao mesmo tempo em que os relacionamentos homossexuais são caracterizados por seu desencaixe à norma, neles há a performance de certos aspectos da heteronormatividade como única configuração possível de relacionamento, o que pode limitar a vivência de uma dinâmica amorosa singular. Esta pesquisa tem o objetivo de investigar e discutir o amor e os relacionamentos amorosos de pessoas homossexuais, partindo da hipótese que a vivência psicossocial da homossexualidade em uma sociedade heteronormatizada modula os relacionamentos homossexuais.

5. Procedimentos: Devido à quarentena e às medidas adotadas no combate à pandemia do Covid-19 no estado do Rio de Janeiro, a pesquisa será realizada através do preenchimento de um questionário online. Para participar, você deve concordar com os termos preenchendo a pergunta abaixo. Posteriormente, você preencherá um questionário e responderá algumas perguntas. A duração total é de, aproximadamente, 20 (vinte) minutos.

6. Riscos e inconveniências: Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde. Todos os riscos e desconfortos desta pesquisa serão acolhidos pela equipe que a compõe. Os possíveis riscos podem incluir cansaço pelo preenchimento dos questionários e respostas à aplicação das escalas, ou sentimento de ansiedade associado a alguma pergunta. Para minimizar esses possíveis efeitos, os questionários são curtos e o avaliador responsável possui treinamento especializado em avaliação psicológica. Caso o participante se sinta muito ansioso por estar participando da pesquisa, sua participação será interrompida e um (1) encontro online poderá ser solicitado para amenizar os desconfortos.

7. Potenciais benefícios: Ao participar desta pesquisa, você estará contribuindo para o aprimoramento da compreensão sobre as variáveis influentes na saúde mental de pessoas homossexuais. O objetivo da sua colaboração no presente estudo ocorrerá de forma indireta, aumentando o conhecimento científico sobre os aspectos psicológicos e comportamentais dos relacionamentos amorosos engendrados por homossexuais, baseando-se na compreensão de que esses são modulados e alterados pelo paradigma da heteronormatividade.

8. Como participante da pesquisa, você terá ainda assegurados os seguintes direitos:

a) Garantia do uso dos dados coletados apenas para o objetivo deste estudo: Os dados que você fornecerá serão utilizados somente para os objetivos desta pesquisa.

b) Sigilo e privacidade: As informações que você fornecerá serão mantidas em lugar seguro e os participantes não serão identificados. Os dados serão identificados através de um código, não com o nome. Caso o material seja utilizado em publicação científica ou atividades didáticas, não serão revelados nomes que possam vir a identificá-lo.

c) Direito a informação: A qualquer momento, você poderá solicitar informações sobre

sua participação e/ou sobre a pesquisa. Para isso, poderá utilizar os contatos dos pesquisadores, listados ao final deste Termo, ou pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa responsável.

d) Despesas e compensações: Não há despesas pessoais. Você não será cobrado em nenhum momento pela participação, assim como não há pagamento financeiro pela participação.

e) Direito a não participar ou interromper a participação no estudo: Você tem liberdade para recusar a participação ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem penalização alguma e sem prejuízo para os envolvidos.

Pesquisador responsável (Orientador): Emmy Uehara Pires – Professora Dra. do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Telefone de contato: (21) 2682-1841. E-mail: emmy.uehara@gmail.com.

Pesquisador executante: Matheus Svóboda Caruzo – Estudante de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: psicaruzo@gmail.com

Comitê de Ética do IPUB/UFRJ: (21) 3938-5510. E-mail: comite.etica@ipub.ufrj.br

O Comitê de Ética em Pesquisa é um colegiado responsável pelo acompanhamento das ações deste projeto em relação a sua participação, a fim de proteger os direitos dos participantes desta pesquisa e prevenir eventuais riscos.

Caso deseje receber a cópia deste Termo, por favor insira seu e-mail na seção final.

*Obrigatório

Declaro que fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador sobre os procedimentos envolvidos nesta pesquisa, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da minha participação. Além disso, foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. *

Sim, concordo em participar voluntariamente da pesquisa.

Não, não concordo em participar voluntariamente da pesquisa.

Sobre a participação nesta pesquisa.

Para participar desta pesquisa, você precisa se identificar como homossexual. O seu sexo ou identidade de gênero não importam, apenas sua orientação sexual. Caso você seja hétero ou bissexual, agradecemos o seu interesse, mas a pesquisa se destina apenas a homossexuais.

Você é homossexual? *

Sim
Não

Sobre você.

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Idade (apenas números) *

Sua resposta

Ano de nascimento *

1940-1949
1950-1959
1960-1969
1970-1979
1980-1989
1990-1999
2000-2002

Sexo *

Feminino
Masculino
Outro:

Gênero *

Feminino cisgênero
Feminino transgênero
Feminino transexual
Masculino cisgênero
Masculino transgênero
Masculino transexual
Gênero não-binário (Agênero, Andrógino, Gênero-fluido, Pangênero e outros)
Outro:

Você se autodeclara: *

Preto(a)
Branco(a)
Pardo(a)
Amarelo(a)
Indígena
Outro:

Estado civil *

Solteiro(a)

Namorando

Casado(a)

União Estável/Mora junto

Separado(a)/Divorciado(a)

Viúvo(a)

Outro:

Em qual estado você nasceu? *

Escolher

Você cresceu em uma cidade: *

Interior/Cidade pequena (menos de 50 mil habitantes)

De médio porte (entre 50 e 99 mil habitantes)

De grande porte (mais de 100 mil habitantes)

Metrópole (mais de 1 milhão de habitantes)

Em qual estado você reside atualmente? *

Escolher

Com quem você reside atualmente? *

Sozinho(a)

Família nuclear (pais e irmãos)

Família extensa (tios, avós, primos ou outros)

Com meu/minha companheiro(a)

Com meus/minhas companheiros(as)

Com amigos(as)

Outro:

Grau de escolaridade *

Ensino Fundamental incompleto (1º grau)

Ensino Fundamental completo (1º grau)

Ensino Médio incompleto (2º grau)

Ensino Médio completo (2º grau)

Superior incompleto

Superior completo

Pós graduação (lato sensu - especialização)

Mestrado ou Doutorado (stricto sensu)

Pós-doutorado

Outro:

Qual é a sua profissão? *

Caso esteja cursando a universidade/curso técnico-profissionalizante, favor responder ESTUDANTE.

Sua resposta

Caso tenha respondido na questão acima ESTUDANTE, qual é o curso de graduação ou técnico-profissionalizante?

Sua resposta

Qual é a sua renda mensal aproximada? *

Até 1 salário-mínimo

Entre 1 e 3 salários-mínimos

Entre 3 e 5 salários-mínimos

Mais de 5 salários-mínimos

Você é adepto de alguma religião? *

Sim

Não

Se respondeu sim à questão acima, qual religião?

Afro-brasileiras (candomblé, umbanda ou outras)

Budismo

Cristianismo (catolicismo, protestantismo ou outras)

Espiritismo

Islamismo

Hinduísmo

Judaísmo

Outro:

Sua família de origem é adepta de alguma religião? Se sim, qual(uais)? *

Não é adepta de nenhuma religião

Afro-brasileiras (candomblé, umbanda ou outras)

Budismo

Cristianismo (catolicismo, protestantismo ou outras)

Espiritismo

Islamismo

Hinduísmo

Judaísmo

Outro:

Qual a sua orientação política? *

- Direita
- Esquerda
- Neutra
- Nenhuma
- Não se dizer

Você se considera engajado(a) politicamente? *

- Sim
- Parcialmente
- Não

SOBRE SUA SAÚDE MENTAL

Você já fez psicoterapia/análise? *

- Sim
- Não
- Não, mas tenho vontade

Você já foi diagnosticado(a) com algum transtorno mental? *

- Sim
- Não

Se respondeu sim à questão acima, qual foi o transtorno?

Sua resposta

Você já fez uso de alguma medicação psicotrópica (ansiolíticos, antidepressivos, antipsicóticos ou outros)? *

- Sim
- Não

Caso tenha respondido SIM no item anterior, durante quanto tempo?

Sua resposta

Qual foi a medicação?

Sua resposta

SOBRE SER HOMOSSEXUAL.

Quando você se percebeu homossexual? *

Idade pré-escolar (3-5 anos)
Idade escolar (6-12 anos)
Adolescência (13-17 anos)
Adulto jovem (a partir dos 18 anos)
Não sei dizer
Outro:

Como foi crescer sendo homossexual?

Sua resposta

Qual foi a reação da sua família quanto a sua sexualidade? *

Totalmente receptiva
Parcialmente receptiva
Totalmente repressora
Parcialmente repressora
Ainda não compartilhei a minha sexualidade com minha família

Você foi o(a) primeiro(a) homossexual a se assumir na sua família? *

Sim
Não
Ainda não compartilhei a minha sexualidade com minha família

Você sofreu discriminação em sua família devido a sua sexualidade? *

Sim
Não

Você sofreu discriminação em seu bairro devido a sua sexualidade? *

Sim
Não

Você sofreu discriminação em sua escola devido a sua sexualidade? *

Sim
Não

Você já foi agredido(a) verbalmente por ser homossexual? *

Sim
Não

Você já foi agredido(a) fisicamente por ser homossexual? *

Sim
Não

Você considera que as pessoas o(a) julgam afeminado (se você for gay) ou masculinizado (se você for lésbica)?

Sim
Parcialmente
Não
Não sei dizer

Você teve uma boa rede de suporte durante a infância e adolescência (amigos e família)? *

Sim, família
Sim, amigos
Sim, amigos e família
Não

Atualmente, você é pai/mãe? *

Sim, biológico(a)
Sim, adotivo(a)
Não
Não, mas pretendo ser futuramente
Não, mas estou no processo de adoção
Não sou e não pretendo ser futuramente

Sobre os relacionamentos: vida amorosa e sexual

SOBRE SUA VIDA AMOROSA E SEXUAL

Você se considera... *

Monogâmico(a) (apenas um parceiro por relacionamento)
Poligâmico(a) (sem restrições quanto à quantidade de parceiros simultaneamente)
Outro:

Quantos relacionamentos fixos você teve nos últimos 5 anos? (em números) *

Sua resposta

Onde você costuma conhecer seus(suas) pretendentes? *

Em ambientes sociais, tais como faculdade, trabalho ou festas
Em aplicativos de relacionamentos
Em ambas as opções acima
Outro:

Você costuma utilizar aplicativos de relacionamentos como Tinder, Happn, Grindr, Her, OkCupid, Hornet, Scruff e outros? *

Sim, com frequência
Às vezes
Não
Nunca usei

Você costuma ter relacionamentos casuais, sem compromisso? *

Sim, com frequência
Sim, às vezes
Não, não costumo
Não costumo me relacionar

Você pratica sexo casual? *

Sim, com frequência
Sim, às vezes
Não, não costumo
Ainda não tive minha primeira relação sexual.

Você pratica sexo sem preservativo? *

Sim, com frequência
Às vezes
Não

Você já traiu o(a) seu(sua) parceiro(a) ou ex-parceiro(a)? *

Sim
Não

SOBRE RELACIONAMENTOS E DISCRIMINAÇÃO

As perguntas abaixo não são obrigatórias para a participação na pesquisa. Caso queira compartilhar sua opinião, sinta-se à vontade para respondê-las. Caso não queira, siga para a próxima etapa.

Qual é a sua opinião sobre os relacionamentos amorosos homossexuais na contemporaneidade?

Na sua opinião, de que forma o preconceito e a discriminação podem influenciar os relacionamentos homossexuais?

Você percebe(u) mudanças na dinâmica dos relacionamentos homossexuais durante a quarentena (pandemia do Covid-19)?

Sim
Não

Caso positivo no item anterior, quais?

Estamos chegando ao fim do questionário!

Antes de finalizarmos, você gostaria de dizer alguma coisa?

Suas observações quanto à pesquisa são muito importantes para mim.

Se não quiser, não tem problema! Siga para a próxima etapa para concluir sua participação.

Muito obrigado!

A sua participação será muito importante para a conclusão da minha pesquisa e para o incentivo da discussão sobre o tema dos relacionamentos homossexuais no âmbito acadêmico.

Fique tranquilo(a)! Todos os dados coletados serão mantidos em segredo. O sigilo de fonte de informação é assegurado por legislação sobre ética em pesquisa, portanto, você não será em nenhum momento identificado.

Caso queira saber mais sobre o tema ou queira tirar alguma dúvida, fale comigo por email, ok?

psicaruzo@gmail.com

Clique no botão Enviar (logo abaixo) para efetivar a sua participação.

Cordialmente,

Matheus Caruzo e Prof. Dra. Emmy Uehara

Anexos

1. Escala Triangular do Amor de Sternberg

Escala Triangular do Amor de Sternberg

(Versão Brasileira por Vicente Cassepp-Borges & Maycoln L. M. Teodoro)

Os espaços em branco representam a pessoa com quem você tem um relacionamento. Esta pessoa deverá ser a mesma que você citou no questionário anterior. Preencha a escala de 1 a 9 a seguir, na qual **1 representa “de jeito nenhum”, 5 representa “moderadamente” e 9 representa “extremamente”**. Utilize os pontos intermediários da escala para indicar níveis intermediários de sentimentos. Marque um X no número correspondente.

Itens	Escala
1. Não posso imaginar minha vida sem _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
2. Estou certo do meu amor por _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
3. Eu sinto que realmente posso confiar em _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
4. Eu valorizo muito _____ na minha vida.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
5. Prefiro estar com _____ do que com qualquer outra pessoa.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
6. Eu divido intensamente meus assuntos pessoais com _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
7. Tenho confiança na estabilidade do meu relacionamento com _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
8. Minha relação com _____ é apaixonada.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
9. Eu adoro _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
10. Eu ativamente promovo o bem estar de _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
11. Eu sinto que _____ realmente me entende.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
12. Só de olhar para _____ já fico entusiasmado.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
13. Eu acho que _____ é pessoalmente muito atraente.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
14. Eu recebo muito apoio emocional de _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
15. Eu tenho fantasias com _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
16. Não existe nada mais importante para mim do que o relacionamento com _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
17. Eu me comunico bem com _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
18. Eu não posso imaginar que outra pessoa me faça tão feliz quanto _____ me faz.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
19. Tenho um compromisso com _____, portanto não permitirei que outras pessoas se ponham entre nós.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
20. Meu relacionamento com _____ é muito romântico.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
21. Tenho uma relação afetuosa com _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
22. Espero que meu amor por _____ dure pelo resto da vida.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
23. Não consigo imaginar o fim do meu relacionamento com _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
24. _____ pode contar comigo quando tiver necessidade.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
25. Quando eu assisto filmes românticos ou leio livros românticos, eu penso em _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9

26. Eu planejo continuar minha relação com _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
27. Eu gosto muito do contato físico com _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
28. Vejo como boa a decisão de me relacionar com _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
29. Eu estou disposto a dividir meus pertences e a mim mesmo(a) com _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
30. Me pego pensando em _____ várias vezes durante o dia.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
31. Estou determinado a manter minha relação com _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
32. Não deixaria nada atrapalhar meu compromisso com _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
33. Eu tenho um senso de responsabilidade por _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
34. Tenho uma relação agradável com _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
35. Eu sei que me importo com _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
36. Eu sinto que eu realmente entendo _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
37. Mesmo quando é difícil lidar com _____, mantenho-me comprometido(a) com a nossa relação.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
38. Existe alguma coisa quase "mágica" no meu relacionamento com _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
39. Eu dou muito apoio emocional a _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
40. Eu idealizo _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
41. Eu posso contar com _____ quando tiver necessidade.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
42. Eu sempre vou sentir-me fortemente responsável por _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
43. Eu vejo meu compromisso com _____ como sólido.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
44. Eu me sinto próximo de _____.	1 2 3 4 5 6 7 8 9
45. Eu vejo meu relacionamento com _____ como permanente.	1 2 3 4 5 6 7 8 9

2. Escala de Estilos do Amor



ESCALA DE ESTILOS DE AMOR

AUTORES: Aleksandro Luiz De Andrade, Agnaldo Garcia

MODALIDADE E EVIDÊNCIAS PSICOMÉTRICAS

Esse instrumento é aplicável ao contexto de pesquisa de relacionamentos interpessoais adultos. Está autorizada a reprodução e a divulgação do presente protocolo de aplicação para fins de pesquisa e ensino, desde que de maneira não-comercial e com citação das respectivas fontes de publicação.

SOBRE O CONSTRUTO

Estilos de amor representam crenças e atitudes do indivíduo sobre as situações românticas de sua vida. O modelo pode ser comparado a a “personalidade” da vida amorosa. São seis estilos:

“Agape”: representa aspectos ligados ao excesso de doação do companheiro de relacionamento para o outro membro da relação, envolvendo aspectos de sofrimento em prol do bem-estar do outro, cuidado e perda de sentido de vida diante de acontecimentos negativos com o companheiro (a).

“Ludus”: diz respeito aos aspectos ligados a um perfil individual de interação romântica menos comprometido com o relacionamento, caracterizando-se por comportamentos que indicam infidelidade, evitação de relações profundas, envolvendo também “jogos” de baixo comprometimento com os parceiros de relacionamento.

“Eros”: é a dimensão ligados aos componentes eróticos, sensuais e sexuais de uma relação diádica, perpassando aspectos de atração, desejo e prazer.

“Pragma”: é o estilo de amor racional, marcado por comportamentos de indivíduos que operam num nível mais da razão do que da emoção, marcado por condutas de planejamento e busca de relacionamentos por aspectos de compatibilidade.

“Storge”: marcado por estereótipos de amizade e companheirismo na interação romântica, caracterizando pessoas que atribuem a seus parceiros de relacionamento

APURAÇÃO DOS RESULTADOS

Ágape: somar itens de 1 a 7 e dividir por 7
Lúdos: somar itens 8 a 12 e dividir por 5
Eros: somar itens de 13 a 19 e dividir por 7
Pragma: somar itens de 20 a 26 e dividir por 7
Storge: somar itens de 27 a 31 e dividir por 5
Mania: somar itens de 32 a 37 e dividir por 6

FORMA DE CITAÇÃO

Andrade, A. L. D., & Garcia, A. (2014). Escala de crenças sobre amor romântico: Indicadores de validade e precisão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(1), 63-71.

DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000100008>

Instrução: A seguir, você responderá questões diversas sobre aspectos dentro do seu relacionamento. Faça seu julgamento com base no que você pensa do seu relacionamento. Caso seja um relacionamento que já tenha terminado, responda pensando na pessoa que você estava e mencionou na primeira página.

O quanto mais próximo dos extremos da escala você marcar, mais característico é ou foi a situação para você

1	2	3	4	5
Concordo fortemente	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo fortemente

	1	2	3	4	5
1- Daria minha vida pela vida de meu companheiro (a)					
2- Penso que faria qualquer sacrifício pela pessoa que eu amo ser feliz.					
3- Penso que não dá para ser feliz a menos que coloque a felicidade de meu parceiro (a) antes da minha					
4- Penso em primeiro atender as necessidades de meu companheiro (a) e depois as minhas.					
5- Acho importante sacrificar meus desejos para deixar meu parceiro (a) realizar os seus					
6- Eu preferiria sofrer que deixar meu parceiro (a) sofrer					
7- Eu resistiria a todas as coisas por meu parceiro (a).					
8- Acredito ser importante ter vários parceiros (as), pois só se vive uma vez.					
9- Penso que deveria ter muitos parceiros (as) de relacionamentos amorosos					
10- Acho interessante envolver-me com mais de uma pessoa ao mesmo tempo					
11- Agrada-me a ideia de ter muitas aventuras românticas					
12- Penso ser mais importante viver aventuras românticas do que um amor para toda a vida.					
13- Penso que sentir um grande desejo sexual por meu companheiro (a) é vital para o nosso amor					
14- Acho importante sentir um grande desejo sexual por meu parceiro (a).					
15- Acredito que fazer amor com meu parceiro (a) deve ser sempre algo muito intenso e satisfatório.					
16- Acredito ser importante procurar várias maneiras de ter prazer sexual no meu relacionamento					
17- É importante que meu companheiro (a) me atraia sexualmente					
18- Atração mútua é vital para o sucesso de um relacionamento.					
19- Acredito que ter a química certa é imprescindível para se estar com alguém					

